Korrodi, Ernesto
Alcobaca



[MO]NUMENTOS DE PORTUGAL

ALCOBAÇA

ESC. 8$50

LITOGRAFIA NACIONAL – PORTO – MCMXXIX

Planta d
de A
Mostra
primitivo
de S. Ber
midade da
raval (C

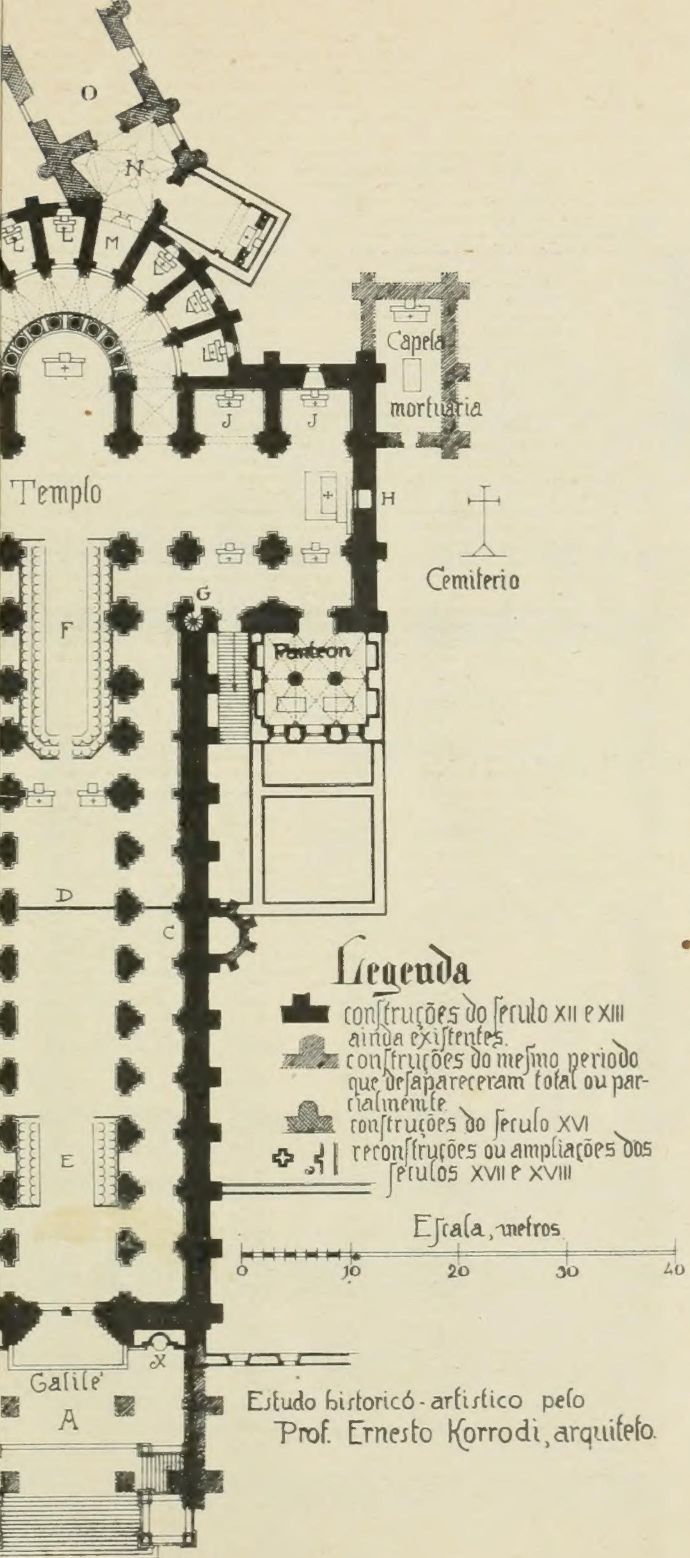
A. Galilé qu
B. Porta pri
C. Arco qu
D. Teia qu

E. Cadeira
F. Côro d
G. Escadas
H. Portas
tigament
J. Os oito a
K. Comunic

L. As oito
M Capela
ção da r
N e O. Ve

P. Indica
mando

Q Chafari
R Calefa
formad
S. Púlpit
T Porta
o Refeit
U Logar
comuni
dia e co
no pavim
molido
V Entrada
W Comuni
aos irma
tinham
X Empaste
tes das
Y Situaç
primitiv
I Escada
Z Armari

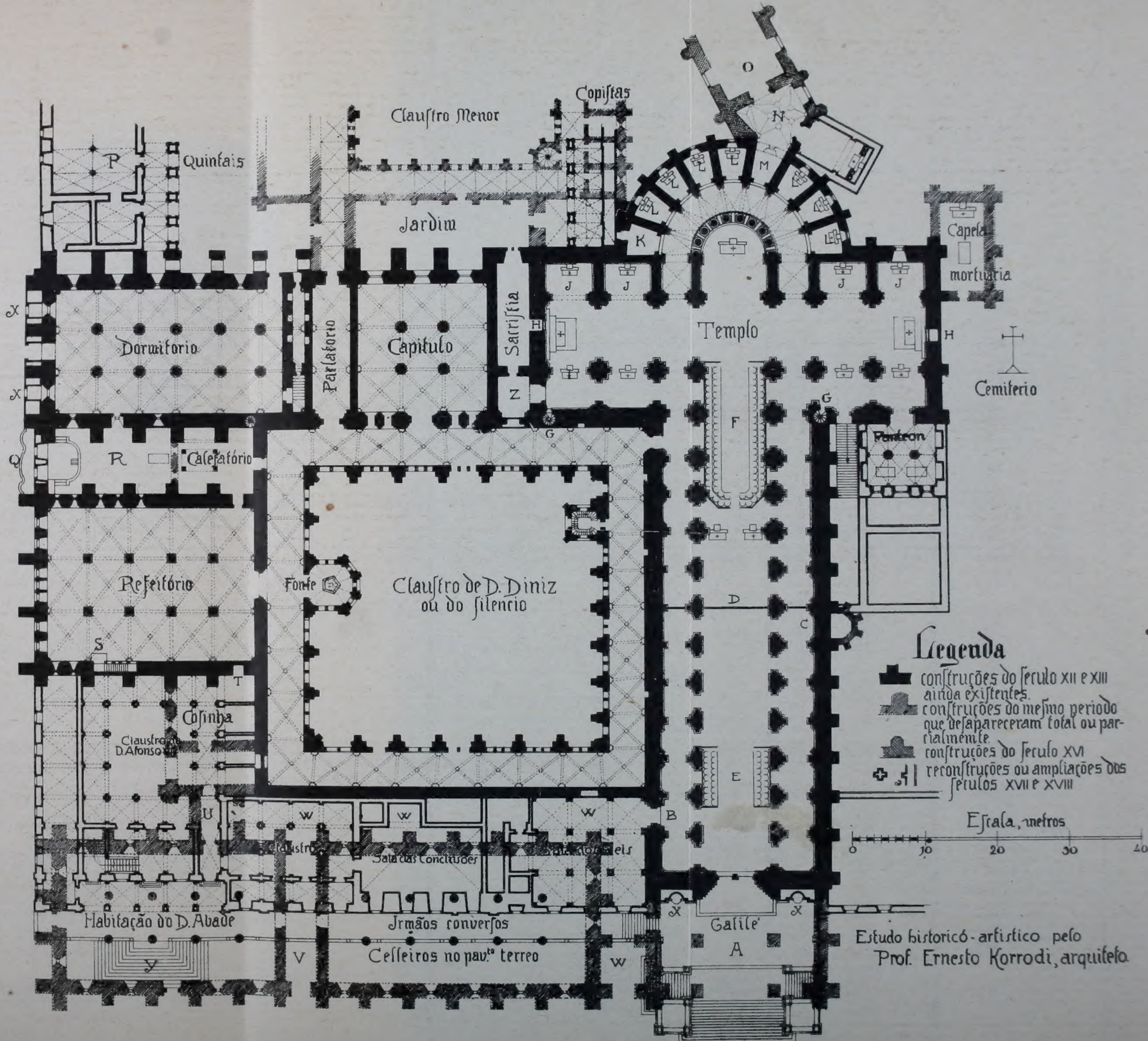


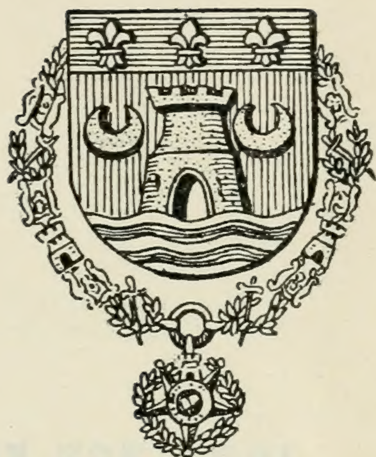
Planta da Abadia Cisterciense de Alcobaça, Portugal.

Mostra a extensão do nucleo primitivo erigido pelos monges de S. Bernardo em perfeita conformidade da planta da Abadia de Claraval (Clairveaux en Bourgogne)

Legenda

A. Galilé que deve ter existido á entrada.
B. Porta privativa dos hospedes e irmãos conversos.
C. Arco que comunicava com uma capela.
D. Teia que limitava o espaço reservado aos fieis.
E. Cadeirame dos irmãos conversos.
F. Côro dos monges.
G. Escadas que conduzem aos telhados
H. Portas do transepto dando acesso antigamente á Sacristia e ao Cemiterio.
J. Os oito altares primitivos do transepto.
K. Comunicação com o primitivo claustro dos noviços e copistas.
L. As oito capelas do deambulatório.
M. Capela suprimida quando da construção da nova sacristia no seculo XV.
N e O. Vestibulo e sacristia mandados fazer por D. Manoel I.
P. Indica o inicio do vasto complexo formando atualmento o claustro dos noviços ou do cardeal.
Q. Chafariz do seculo XVIII.
R. Calefatório e primitivo pateo transformado em cozinha no seculo XVIII
S. Púlpito do Refeitório.
T. Porta que primitivamente ligava o Refeitório á Cozinha.
U. Logar onde deve ter existido a escada comunicando com a entrada da Abadia e com os Celeiros então existentes no pavimento terreo do vasto corpo demolido no seculo XVII.
V. Entrada de serviço da cozinha e celeiros
W. Communicação com o Templo, reservada aos irmãos conversos e hospedes que não tinham entrada no Claustro.
X. Empastelamento dos vãos entre os gigantes das fachadas do Templo e Dormitorio.
Y. Situação presumivel da entrada da primitiva Abadia.
I. Escada que ligava a egreja ao dormitório
Z. Armariolum (deposito de breviarios)





BRAZÃO
DE
ALCOBAÇA

MONUMENTOS DE PORTUGAL

Collecção de Vulgarisação Artistico-Monumental
sob o alto patrocinio da
ASSOCIAÇÃO DOS ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

N.o 4

ERNESTO KORRODI

Prof. do Ensino Industrial, Architecto, Sócio do Instituto de Coimbra
e da Real Academía de S. Fernando de Madrid

ALCOBAÇA

**Estudo Historicó-Archeológico e Artistico
da Real Abbadía de Santa Maria de Alcobaça**



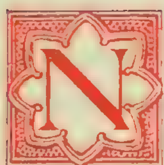
Photographias de Alvão & C.a
Capa de Amoroso Lopes
Plantas e desenhos do Author
Vinhetas de Manoel Abella y Fernandez

1929
Litografia Nacional — Edições
PORTO



A ABBADIA CISTERCIENSE DE ALCOBAÇA

ORIGEM DA SUA FUNDAÇÃO



'UM risonho valle, onde todo o anno córre abundante, atravez de verdejantes várzeas, a água dos rios Côs e Baça, abrigado por airósas collinas cuidadósamente cultivadas, sem horizontes, se formou à sombra do monumental mosteiro, n'um delicioso conchêgo, a hoje importante Villa de Alcobaça. Terra fértil e abençoada, como só a frades era dado escolher para o seu regálo. A villa, como herdeira legítima de iniciatívas de origem fradesca, tornou-se modernamente um apreciavel centro industrial e agricola, occupando um logar proeminente na fructicultura e industria de conservas e gozando de legítima fama com os seus excellentes vinhos.

Qual gallinha rodeada dos pintaínhos, ergue-se opulenta e magestosa, entre casaría de mediánas proporções, a velha Abbadía de Cistér.

Ao avistarmos a sua extensa fachada de perto de 200 metros de comprimento, com a sumptuósa frontaría do templo, que entre floreados de um barrôco plagiado de estylos históricos mal deixa perceber, como unico signal externo, a singela porta ogival da primitiva abbadía, difficilmente o nosso espirito consegue transportar-se

á épocha longiqua em que n'este recanto dos confins da Europa se lançaram as primeiras pedras de um dos mais importantes centros de colonisação christã do extremo occidente.

Comtudo, esta opulenta abbadía benedictina, em tempos erigida como affastado marco da civilisação christã na peninsula, faz-nos recordar, cheio de admiração, · que n'outro extremo da Europa quasi até aos nossos dias se desfraldou o symbolo do Islam até próximo das vertentes meridionais dos Cárpathos.

Recordando-se a ousadía das hórdas turcas que no século XVII ameaçaram as portas da capital de Santo Estevão, cuja formidavel ameaça foi destruída com a heróica defeza do Principe Eugénio ([1]), cumpre perguntar o que seria da grande e incomparavel civilisação peninsular, da sua obra civilisadora d'álem-mar, se a audácia de D. Affonso Henriques, fundador d'este mosteiro, levando os seus triumphos para lá do Guadiána, não tivesse ferido de morte o poderío sarraceno.

O seu gesto, os seus feitos de armas glorificados e perpetuados na sumptuósa abbadía de Santa Maria de Alcobaça, bem merecem tal monumento, que mais bello e mais vasto no próprio paiz de origem da Ordem de Cistér jamais existiu.

A fundação da Abbadía Cisterciense de Alcobaça tem, como as mais importantes congéneres da Peninsula, a sua origem em promessas feitas por monarchas, dando largas concessões a favor do poder ecclesiástico, para conseguimento de futuro alargamento da sua esphera ou consolidação do thrôno.

Assim como Affonso VII, rei de Castella, professara uma particular estima por Santo Hugo, antecessor do grande S. Ber-

---

([1]) Só o anno de 1697, assignalado pela retumbante victória alcançada sobre os Turcos pelo Principe Eugénio de Saboya, marca o definitivo recúo d'estes sobre a peninsula balkánica.

nardo, o que o levara a fundar nos seus domínios dois importantes mosteiros da Ordem de Cluny, assim o pretendente á corôa de Portugal appelara para a influencia, então immensa em toda a christandade, de S. Bernardo de Clairveaux, promettendo-lhe largas concessões e vastos territórios, com que assegurasse uma existencia desafogada à numerosa familia monástica que havia de povoar o importante estabelecimento abbacial.

Dizem as velhas chrónicas que fazendo alto a hóste portugueza na Serra de Albardos, D. Affonso Henriques fizera voto solemne a S. Bernardo, caso lhe désse a pósse de Santarem, de lhe doar e aos seus monges *todas as terras que avistava d'aquelles montes, aguas vertentes ao mar.* Este episódio, que os chronistas da Ordem de Cistér referem como verdadeiro, é contestado pelos modernos historiadores, o que não destroi o facto de vastissimos terrenos, campinas e montes, estendendo-se até ao mar, terem pertencido aos filhos de S. Bernardo, constituindo o célebre feudo conhecido pelo *Couto de Alcobaça.* Abrangeram este nada menos de treze villas: Alcobaça, Aljubarrota, Evora, Turquel, Côs, Maiorga, Alvorinha, Cela, Alfeizarão, Pederneira, São Martinho, Santa Catharina e Paredes, sendo tres d'estas villas pórtos de mar.

Logo apóz a feliz conquista de Santarem e Lisboa, D. Affonso Henriques, offerecendo-se-lhe umas tréguas, recebe em Lisboa os primeiros emissários de S. Bernardo, chefiados pelo frade Rolandus «filios noster», que em 1154 se propõe comprar umas casas n'aquella cidade para habitação dos seus monges companheiros. E' natural que estes monges desconhecedores da lingua do paiz, dos usos e recursos de que podiam dispôr para o cumprimento da sua espinhosa missão, ao entrarem em Portugal, se não dirigissem

immediatamente ao local da sua acção. Muito haveria que preparar e organisar; e dada a circumstancia do novo rei estar empenhado em constantes luctas para segurança dos territórios conquistados as suas diligencias deveriam resultar morósas e difficeis. Encontràmol-os mais tarde em Alcobaça a erigir em local protegido pelo castello uma provisória vivenda, um minúsculo recolhimento dedicado a Santa Maria, onde estiveram installados durante 69 anos, cujo pequeno templo, conhecido por Santa Maria a Velha, foi mais tarde egreja parochial até 1648. D'este modesto recolhimento, hoje chamado da Conceição, do qual nada existe da primitiva fábrica, os monges dirigiam e administravam as óbras de construcção da magnífica abbadía, que, no dizer dos chronistas, ao tempo devia ser a mais vasta e mais rica óbra em terras de Portugal.

Mas não se limitou a Ordem a destacar homens, embóra de vasto saber, sujeitos a recursos alheios; não vieram, tampouco, munidos de um simples plano schemático com liberdade de edificar segundo os usos do paiz, comquanto dentro de rigorósas prescripções quanto a dimensões e localisação das diversas dependencias do seu estabelecimento.

Eram elles mesmo em pessoa os architectos e conductores da óbra, conhecedores dos variados mistéres e processos de trabalho que se prendiam com a realisação de uma construcção de tamanho vulto. Se assim não fôra, como explicar a existencia em Portugal de uma óbra typicamente borgonheza, desde os mais insignificantes pormenóres architectónicos até ao typo caracteristico das cornijas, desde a estructura geral até á fòrma gauleza das elevadas coberturas, outróra munidas de telha de escama, sem tradição na peninsula (1)?

---

(1) Da primitiva telha de escama, typo authentico borgonhez, encontramos muitos fragmentos nos entulhos existentes sobre as abóbadas do templo.

No mosteiro que surgiu em Alcobaça parece que S. Bernardo se comprazia em vêr reproduzida fielmente, pedra por pedra, a sua querida Abbadía de Claraval. Com effeito, tendo, como é sabido, todas as edificações abbaciais da Ordem de Cistér grandes analogías de disposição da planta, resultantes das prescripções quanto ao modo especial do viver e práticas de culto da Ordem, nem na França, Hespanha ou Allemanha, encontrámos exemplo que tam fielmente reproduza em todos os seus pormenóres e dimensões o plano da Abbadia de S. Bernardo, séde da poderósa Ordem que em toda a Européa dirigiu mais de dois mil estabelecimentos da sua linha.

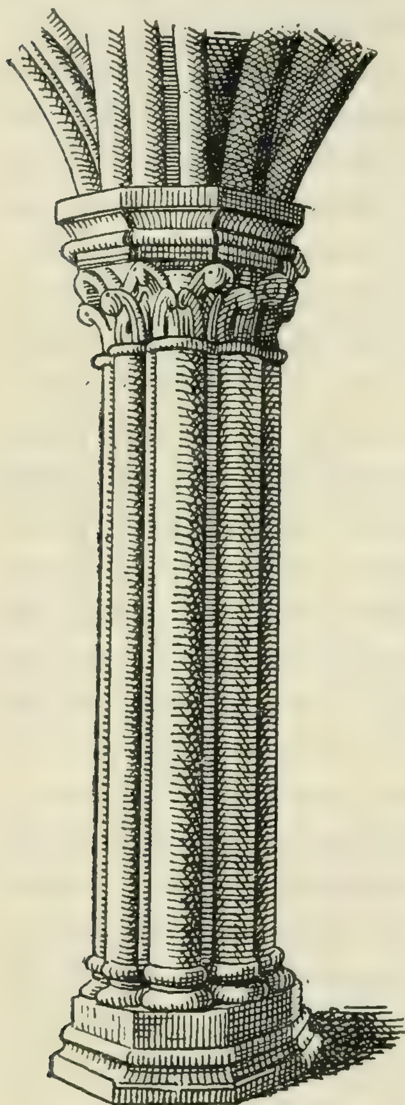
Infelizmente, aquella abbadía, tésta da Ordem, como a maioría das suas congèneres da Európa central, soffreu uma radical transformação no século XVIII, surgindo no logar dos sevéros e bem característicos córpos orgánicamente definindo o seu destino interno, uma enorme móle apalaçada, typo Mafra, com telhados á Mansard. Transformada depois da revolução franceza em penitenciária, foi sacrificado por inútil o monumental templo, restando hoje de todo o vasto plano primitivo, por uma coincidencia estranha, tam sómente uma das álas que limitava o claustro do lado occidental, precisamente a única parte que no *fac-simile* portuguez desappareceu quando da reconstrucção da nova frontaría no século XVIII, circumstancia esta que torna ainda mais valiósa a existencia em Portugal da nossa authentica reproducção de Claraval (1).

Ao tempo do início das óbras da abbadía de Alcobaça (1153

---

(1) Da primitiva Abbadia de Claraval conserva-se uma planta na Bibliotheca Municipal de Troyes e que vem reproduzida no Diccionário de Architectura de Violet-Le-Duc, I vol., pag. 267.

a 54) é de presumir que o estabelecimento de Claraval, fundado em 1115, estaria inteiramente concluido, nada impedindo que os emissários de S. Bernardo trouxessem plantas e toda a ordem de dados téchnicos para em Portugal se iniciar a sua reproducção.



Pilar da Sala do Capitulo

Avaliando, porém, pelo que resta em Claraval do primitivo mosteiro, que visitámos em 1925, a abbadía de Alcobaça, já devido á excellente pedra de que aqui dispunham os constructores, já porque o rei influiria para que a óbra tivesse toda a magnificencia compativel com as sevéras regras da Ordem, resultou incomparavelmente mais rica e de construcção mais cuidada que o seu modelo borgonhez. Quanto à reproducção da planta de Claraval, trazida pelos monges de S. Bernardo, ha que verificar um interessante pormenor, ao qual não deve ser estranha a lenda que se refere à súbita mudança, por intervenção divina, do local da construcção.

Apóz a demarcação do terreno para edificação da abbadia, e presumivelmente ao abrir dos caboucos, devido á precária natu-

reza dos terrenos nas proximidades do rio, verificou-se a impossibilidade de se poder reproduzir o plano de Claraval no respeitante à posição do templo em relação às suas dependencias e orientação do claustro principal. Que os receios então suscitados plenamente se justificavam, nota-se hoje na gravissima depressão e deslocamento do cunhal noroeste do Refeitório e no estado precário de toda a parte norte do corpo do Dormitório e ainda nas edificações de data relativamente moderna construidas perto da estrada nacional e em torno do claustro do Cardeal e do Rachadouro, e que recordam egual aspecto ao da ála occidental do Terreiro do Paço ou ainda, por identica circumstancia (de terrenos conquistados ao mar), a soberba galería de Sansovino, da praça de S. Marcos de Veneza.

Ao verificar-se as graves lesões por falta de bons fundamentos e que causaram perigósas avarías e, talvez, a derrocada parcial das primitivas abóbadas do Refeitório e Dormitório, facilmente podemos conjecturar o que seria hoje do templo, excedendo muito em altura as construcções referidas, se, como em Claraval, as installações principais tivessem recebido a orientação inversa, e que esta, portanto, formasse a sua fachada lateral sobre o Largo do Chafariz.

Tiveram, pois, os monges dirigentes da obra de resolver o problema, à semelhança do que succedeu na abbadía de Pontigny e Vaux-de-Cernay, invertendo pura e simplesmente o plano de Claraval. Esta circumstancia, que teria graves inconvenientes para as condições hygiénicas do seu estabelecimento, orientado assim para o norte e, ademais, ensombrado pela grande altura do templo, não se fez resentir excessivamente aqui, devido à amenidade do clima de Portugal.

Afim de elucidar o leitor sobre a importancia e extensão do estabelecimento fundado por D. Affonso Henriques chamámos a

attenção para a planta geral que acompanha esta monographia e onde se encontra indicado a preto o núcleo inicial da Abbadía Cisterciense, tal qual ella deve ter permanecido durante quatro séculos sem sensiveis modificações.

Para avaliarmos com imparcialidade do quinhão de glória que cabe ao primeiro rei de Portugal, como fundador de uma óbra constituindo ao tempo o mais sumptuoso e vasto monumento do paiz, convem frisar que, contráriamente ao espontáneo impulso de D. João I, o qual volvidos dois séculos e meio erigiu, apóz a batalha de Aljubarrota, o mosteiro de Santa Maria Victória ou da Batalha, authentico monumento nacional, Alcobaça, ainda que fructo tambem de um voto sincero ou interesseiro de um homem audacioso e de espírito aventureiro, deve, comtudo, considerar-se na sua essencia como uma parcella de uma vasta óbra de civilisação christã, partida da Gállia e nomeadamente da região da Borgonha, terra de naturalidade do Conde D. Henrique.

Para justificar esta asserção, torna-se mistér lançar uma vista de ólhos sobre o que no século XII era o movimento congreganista e a sua espantósa fôrça de expansão, revelada precisamente no decorrer do curto período que se confunde com a constituição de uma nova nacionalidade na Peninsula.

A já poderósa congregação dos irmãos de Cluny da Ordem de S. Bento, sob a auspiciósa governação de Santo Hugo, empenhado em conduzir a Ordem aos austéros principios do seu fundador, tomou no decorrer do século XI um extraordinário desenvolvimento.

Os seus estabelecimentos, já então espalhados pelos principais paizes da Europa, continham uma incomensuravel riqueza e dispunham de poderío e influencia, que eram motivo de bastos

conflictos com os soberanos, com o clero secular e, ainda, com a nascente fôrça do quarto estado. Os dignitários da egreja secular, sobretudo, temiam a influencia crescente da Ordem benedictina, sob a direcção de Cluny, e as suas tentativas de a submeter á sua jurisdicção geral mallograram-se sempre perante a resistencia de Roma. As abbadías eram fundadas na sua qùasi totalidade por vontade de fundadores laicos e os papas successivamente lhes iam concedendo bullas de *isenção*, ameaçando, até, de excommunhão os bispos que tentassem contra as immunidades acordadas á Ordem de Cluny pela Santa Sé. Os bispos nem, sequer, podiam penetrar nas abbadias, visitál-as ou exercer funcções de culto, sem serem chamados pelo abbade. Santo Hugo, abbade de Cluny, era positivamente o representante do espírito monástico chegado ao seu apogeu, n'uma épocha em que só este era capaz, pela sua unidade, sua independencia, e pelas luzes directrizes da sua Ordem, de civilisar o mundo.

Àquelles que accusam os benedictinos da sua immensa riqueza, da sua preponderancia, do seu espírito de propaganda e omnipotencia, que hábilmente souberam adqúirir, pergunta-se se todos estes bens terrestres e intellectuais teriam n'aquelle tempo sido mais útilmente collocados n'outras mãos pela humanidade?

Teria, porventura, o feudalismo secular, eternamente dividido e em guerra bárbara e ignorante, ou o povo, que nem se conhecia a si próprio na inconsciencia dos seus destinos, ou, ainda, a realeza, cujo poder vacillante tanto se apoiava no povo, como no clero secular ou nos burguezes das cidades, sido capaz de reúnir todas as fôrças vitais de um paiz, coordenál-as, fazêl-as fructificar e transmitíl-as intáctas á posteridade? Não, decerto. As ordens religiósas votadas ao celibáto, reùnidas sob regra commum, seguras

por votos inviolaveis e sagrados, tomando por base a caridade, eram então as únicas capazes de salvar a civilisação e de manter em tutela a grande massa do povo durante a menoridade das nações.

As ordens religiósas do século XI adqúiriram a sua immensa influencia e o seu poder por emanação de um único chefe espiritual, porque tanto os grandes como o povo instinctivamente comprehendiam a necessidade de uma tutéla, de uma guia, sem a qual tudo teria recahido no chàos em que a Európa jazia desde a quéda do Império Romano.

Uma das grandes glórias das ordens religiósas da edade média, glória fácilmente esquecida por séculos de ingratidão, foi o arroteamento das terras, a rehabilitação, emfim, ou renascimento das cultúras racionais, perdidas por séculos de barbaría e abandonadas nas mãos de pobres colónos dispersos. Como em Alcobaça, muitos dos vastos e ricos coutos das abbadías fôram outróra àridos desertos, florestas virgens ou pantanos insalúbres, que elles souberam fertilisar. O que então representavam estes estabelecimentos sob o ponto de vista de hospitalidade, n'uma épocha em que o viandante a cavallo ou a pé não encontrava fácil abrigo, desnecessário se torna enaltecer.

Ao findar do século XI, quando o poder real, nomeadamente em França, se torna mais preponderante, os grandes estabelecimentos religiósos, que a principio surgiram humíldes, fôram absorvendo successivamente o poder feudal, para, por sua vez, serem absorvidos pela nascente unidade nacional sob o scéptro real. As instituições monàsticas tornando-se um feudo, exercendo direitos de soberanía quasi ilimitados nos seus territórios, collocaram-se em aberto conflicto com o poder régio.

Devéras procuraram os mais illustres abbades da Ordem, por meio de successivas refórmas do seu estatuto, tirar o carácter quasi feudal das suas propriedades. Os costumes, porém, enraïzados eram mais fortes que todas as refórmas; por isso, a Ordem de Cluny, que parecia uma instituição invulneravel, dada a sua riqueza e a sua influencia, vê-se atacada precisamente no ponto principal, nos direitos senhoriais dos abbades, por n'elles se poderem immiscuir os soberanos.

Produz-se, pois, a natural reacção adentro da Ordem. Quatorze religiosos estimulados por Santo Hugo fundam em Citeaux, no meio de uma immensa floresta da Borgonha, um mosteiro, onde a regra de S. Bento sería seguida em toda a sua pureza e rigor. No anno de 1100 o pequeno mosteiro, construído quasi totalmente de madeira, estava acabado e os monges n'aquella região inhóspita fôram passando a mais rude das existencias, recusando riquezas e doações, que lhes fôram offerecidas e desprezando o fausto e o bem estar que a communidade da Ordem de Cluny lhes offerecia, limitando-se a conservar o sólo ingrato que mal os podia alimentar «afim de não viverem á custa de alguem».

Entretanto, o Duque de Borgonha Eudés eleva nas proximidades do cenáculo um castello, afim de approximar-se dos religiósos, que já havia auxiliado na construcção do seu humílde oratório, *e seu filho Henrique, desejando auxiliál-os nos seus trabalhos, faz-se monge* (1).

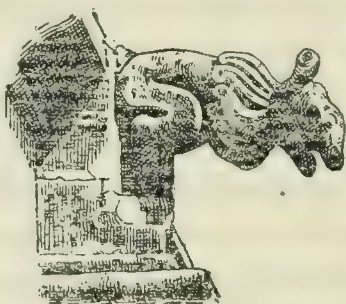
Mas a Ordem de Cistér só tomou uma repentina e extraor-

---

(1) Eudés I, segundo filho do Duque Henrique de Borgonha, succedeu no throno ao seu irmão Hugo I. Era irmão do Conde D. Henrique, tio, portanto, de D. Affonso Henriques. Depois de combater ao serviço do rei Affonso VI de Castella contra os mouros da peninsula, parte n'uma cruzada e morre na Palestina no ano 1102. O seu filho Henrique, feito monge da Ordem de Cister era, pois, primo direito de D. Affonso Henriques.

dinaria expansão quando S. Bernardo e seus companheiros a ella se reúniram. A partir d'este momento, fórma-se uma nova e mais forte legião que aquella que um seculo antes irradiou de Cluny; e, então, das florestas pantanósas, onde vinte e um monges constrúiram a sua primitiva abbadía de troncos de pinheiro, cultivando pequenos recantos de terra, surgem em menos de 50 anos mais de 60.000 monges de Cistér que se espalharam desde o Tejo ao Mar Baltico, desde o Tibre ao Volga!

Chamados de toda a parte da Európa, vêmos os discipulos de S. Bernardo, authenticos colonisadores, arroteando as terras, transformando pântanos em fertilissimas várzeas, criando rebanhos e ensinando aos povos mil mistéres e processos téchnicos que a decadencia de séculos fez perder ou esquecer.



Algeroz do Claustro

S. Bernardo préga contra os infieis; Cistér defenderá a Európa contra os mouros da Peninsula Ibérica. Os templários ouvem S. Bernardo, pedem-lhe regulamentos. Cistér, mais ainda que Cluny, sáhe em socôrro dos pobres e humíldes, não só pela esmóla, mas empregando os seus braços nas importantes edificacções dos seus estabelecimentos, primeiro, no arroteamento e fertilisação das terras perdidas pelos cursos de água n'um constante açoreamento, depois.

Assim, tal como em Alcobaça, os seus estabelecimentos encontram-se invariavelmente situados junto de ribeiros, onde por canais ou açudes lhes aproveitavam a fôrça motriz ou conduziam por vállas as águas para fertilizar terras perdidas.

A constituição da Ordem, que foi redigida definitivamente

em 1119 n'uma assembleia, que tomou o nome de 1.º Capitulo Geral de Cistér e á qual assistiu Hugo de Macon, S. Bernardo e dez outros abbades da Ordem, é, segundo Violet-le-Duc, uma óbra prima de espirito organisador. Onde se occupa das edificações abbaciais diz: O mosteiro será construído, sempre que possivel seja, de tal modo que reúna adentro dos seus muros todas as coisas indispensaveis, a saber, água corrente, um moínho, uma horta, officínas para os variados mistéres, afim de evitar que os monges tenham que ausentar-se. A egreja deve ser da máxima simplicidade. As esculpturas e pinturas d'ella serão banidas (refere-se evidentemente á estatuária), os vitrais serão de côr natural, sem cruzes nem adornos [1]. Não devem ser levantadas torres de pedra nem de madeira para os sinos, álem da altura strictamente indispensavel, em obediencia, portanto, aos princípios de simplicidade da Ordem. Todos os mosteiros de Cistér serão collocados sob a invocação da Virgem.

Para dar ideia de um estabelecimento typo, talvez o mais completo que tenha existido em França, álem da casa mãe, de Citeaux, Violet-le-Duc apresenta-nos o primitivo plano da Abbadía de Claraval, de que era abbade S. Bernardo, estabelecimento este que mais fielmente exprime o que em matéria de edificação se acha determinado pela constituição da Ordem.



---

(1) Encontram-se ainda d'este typo no mosteiro de Villar de Frades (Minho).



PLANTA DA ABBADIA DE CLARAVAL

Relatar succintamente o que era a planta da primitiva Abbadía de Claraval eqüivale a fazer a descripção da de Alcobaça.

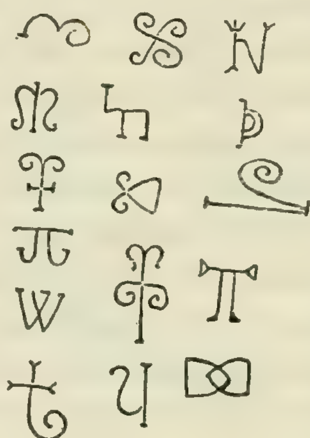
O templo orientado para léste tinha proporções e fórmas identicas ás de Alcobaça. Formavam-no uma comprida nave central e duas lateraes constituindo onze tramos, em logar de doze como em Alcobaça, e um cruzeiro excedendo em dois tramos as naves na largura correspondente ás capellas absydais. A nave, tal como em Alcobaça, terminava por uma capella-mór polygonal sustentada por dez fortes columnas deixando vêr o deambulatório ou charóla, com o seu diadêma de nove capellas. Correspondente ao último tramo da collateral e junto do transépto uma porta única dava ingresso ao claustro principal, em cujo lanço oriental, ao centro, se achava a portada acolytada por janellas geminadas, accusando a posição da sála capitular, cujos nove tramos de abóbadas eram sustentadas por quatro pilares.

Seguia-se o Parlatório e o extenso corpo em dois pavimentos do Dormitório Commum.

No lanço parallelo e oppôsto á egreja ficava a édícula com o *lavabo* sito em face da portada do Refeitório. Este, ainda de proporções absolutamente identicas ás de Alcobaça, tinha os seus quinze tramos de abóbadas dispóstas em tres ordens, sustentadas

por oito columnas. Lateralmente ao Refeitório, e entre este e o corpo do Dormitório estava localisado o Calefatório, onde em tôrno de uma lareira central os monges se confortavam, e, finalmente, do lado oppôsto ficava a cosinha.

Parellelo ao claustro e formando esqúadría com o templo, um extenso corpo de dois pavimentos, em tudo identico ao do Dormitório, destinava-se a celleiros, hospedaría e, presumivelmente, a habitação do abbade. Por fim, tangente á capella-mór e na rectaguarda da sála do capítulo, um claustro de menóres dimensões, com uma série de sálas ou célas para copistas, uma enfermaria e um dormitório para noviços, completavam a installação. Este claustro menor e as dependencias que o circumdavam devem ter existido em Alcobaça tambem, tendo sido, talvez, demolidos quando da construcção no seculo XVII do quadrilátero que constitúe o hoje chamado claustro do cardeal. De todo este complexo descripto, ha um pormenór que se affasta do que hoje é possivel verificar em Alcobaça, qual era o da existencia de um vasto narthex que precedia a entrada do templo, mas que possivelmente póde ter existido tambem na abbadía de Alcobaça, antes da reconstrucção da fachada no século XVII.

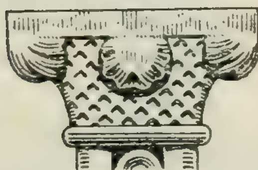


Siglas diversas da egreja de Alcobaça

Eis o que era a abbadia de Claraval, que divergia da de Citeaux, casa-mãe de toda a Ordem, simplesmente na fórma absydal do templo, polygonal, com deambulatório e capellas raiantes, em logar de ábsyde e dos absydíolos cortados rectangular-

mente. Tanto Claraval como Citeaux, fontes de onde brotou tamanha luz que illuminou toda a christandade, logares sagrados que os homens enternecidamente deviam ter conservado com piedoso amor, cahiram no século XVIII victimados pelos braços dos próprios filhos de S. Bernardo, cuja vida faustosa de então não podia conformar-se com a austéra e fria architectura das velhas abbadías da edade média.

Demonstrado, como fica acima, o ser a Abbadía Cisterciense de Alcobaça a mais fiel das reproducções que existem de Claraval e, até, de Citeaux — um testemunho vivo do que fôram as duas afamadas abbadías, das quais hoje só a bibliographia nos póde fornecer escassos elementos de estudo — este monumento toma uma notoriedade singular sob o duplo aspecto artistico e histórico internacional.





PLANTA GERAL DA ABADIA·BENEDITINA DE ALCOBAÇA

S
N
RIO ALCÔA
RIBEIRO
RIBEIRO
V
Z
W
X
Y

A. EGREJA
B. CLAUSTRO DE D DINIZ
C. DORMITORIOS
D. COZINHA
E. REFEITORIO
F. CLAUSTRO DE D.AFONSO VI
G. ENTRADA
H. CASA DAS CONCLUSÕES
J. SALA DOS REIS
K. HOSPEDARIA
L. PANTEON REAL
M. CAPELA
N. VESTIBULO
O. NOVA SACRISTIA
P. RELICARIO
Q. CAP. DA N. S. DO DESTERRO
R. CLAUSTRO DOS NOVIÇOS
S. CLAUSTRO DO RACHADOIRO
T. CARTORIOS E SALA DA BIBLIOTECA
U. CELAS
V. DEPENDENCIAS
W. CELEIROS
X. LARGO DO CHAFARIZ
Y e Z. ENTRADAS

MEDIEVAL — SECULO XV — SECULO XVII E XVIII

50 — 100 Metros

E Kórrodi arquiteto fez. 1927

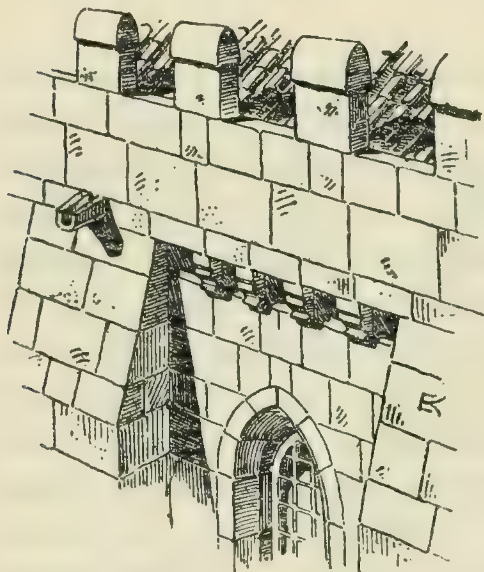


EGREJA ABBACIAL DE ALCOBAÇA

A fachada actual do templo, que pelas suas proporções monumentais não carece de sumptuosidade, é um curioso exemplar de architectura bastarda, de uma renascença decadente, impregnada de elementos manoelinos (envasamento), que a qualquer estudioso não deixa de causar um momento de perplexidade. Não se tratando, como poderia parecer à primeira vista, de uma reconstrucção da fachada primitiva, mas sim de um empastelamento da sua estructura medieval com o fim de integrar as suas linhas architectónicas románicas nas do estylo clássico, então em voga, e para enquadrar a fachada no grandioso conjuncto da nova frontaria occidental do mosteiro, com a extensão de perto de 200 metros, devemos convir que o constructor resolveu o problema de uma fórma bastante hábil. Respeitando, sem mexer no interior, a posição e as dimensões da rosácea e as ventanas das naves collaterais, limitou-se a ornamentar a fachada n'uma engenhósa transigencia com as fórmas e os gôstos antigos e a levar a mesma ao alinhamento do portal primitivo, antes saliente, do que resultou a sua conservação quasi integral. E' o portal o único elemento exterior da frontaria occidental revelador da antigüidade da abbadía. Os gigantes antigos, agora transformados em pilastras, marcavam nitidamente as proporções e a estructura interna do templo.

Assim, pois, se conseguiu sem grandes demolições uma completa mutação de linhas e aspectos.

N'estas obras de transformação, que tomaram grande vulto no seculo XVII, supprimiu-se então a monumental empena de resguardo à primitiva cobertura borgonheza, que, segundo a inclinação adoptada nos telhados da velha abbadía (cujas empenas do transepto ainda estão de pé), devia alcançar uma altura não inferior a oito metros!

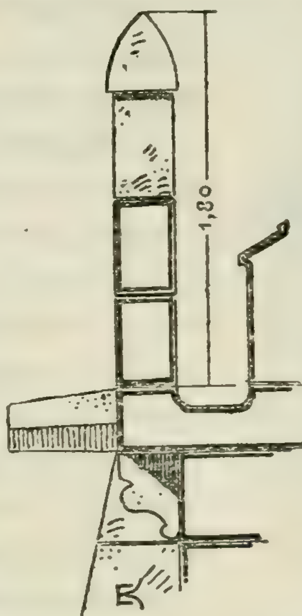


Typo da cornija da egreja

Finalmente, com uma ousadía sem par e contando simplesmente com o apoio dos dois primeiros pilares da nave, assentam-se sobre os dois tramos das collateraes duas pesadissimas torres, óbra téchnicamente tam inverosímil que o engenheiro Fuschini, na planta parcial da abbadía, publicada no seu livro «A Arquitectura Religiosa na Edade Média», entendeu dever indicar dois maçissos correspondentes às torres com as respectivas escadas de caracol—coisa que nunca existira!

A nova fachada coroada por um frontão, contendo um nicho com a estátua da Virgem, que dizem ser de mármore, ostenta ainda de cada lado do portal grandes nichos sobrepujados de baldaquinos, nos quais se abrigam as estátuas de S. Bento e S. Bernardo, assentes em largas mísulas.

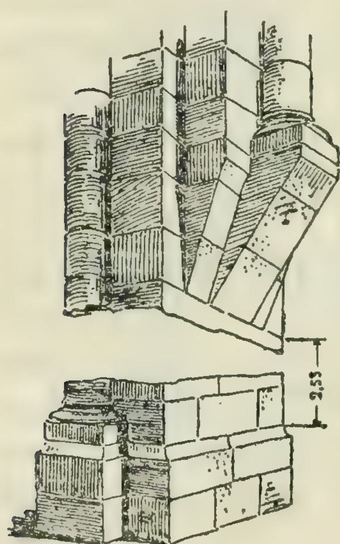
Bem ao contrário da actual, a fachada primitiva devia caracterisar-se por uma magestósa simplicidade de linhas, accusando claramente as tres naves pela saliencia dos gigantes, os dois médios acolytando o portal de gablete agudo, que alcançaria a tangente da rosácea. Salvo as enormes proporções, devia parecer-se com a da egreja de S.ta Maria dos Olivais de Thomar, da do Carmo de Lisboa ou de outros espécimens coevos portuguezes, hoje parcialmente desfigurados, mas todos de uma sevéra simplicidade. Sem torres, porque a este ornamento de luxo se oppunham os preceitos da Ordem, devia ter apenas um pequeno campanário do typo ainda existente no mosteiro de Santa Clara a Velha de Coimbra. Como em todas as egrejas abbaciais da Ordem, a entrada do templo, primitivamente, seria precedida de uma galilé ou simples alpendrada, vasta talvez como o actual átrio, trecho este que decerto teve de ceder ao alinhamento estabelecido pela extensa frontaría do século XVII, obedecendo aos preceitos de rigorósa symetria e alinhamento que tanto mal tem causado e estão causando á verdadeira arte.



Perfil da cornija da egreja

Entrando no templo pela actual larguissima porta, outróra bipartida e protegida por um tympano, deparamos logo á nossa esquerda com uma porta de typo ainda bastante románico, que dá entrada á agora chamada *Sala dos Reis*. Esta porta servia em tempos de acésso privativo aos hospedes leigos ou frades conver-

sos, cujos aposentos deviam existir n'um corpo que, ao longo do Claustro do Silencio e totalmente separado d'este por uma communicação descoberta, se estendia desde a egreja até ao alinhamento norte do Refeitório. Constitúida por dois pavimentos, correspondendo o superior ao nivel do claustro, e em tudo semelhante nas suas proporções ao Dormitório commum, esta dependencia fazia indubitavelmente parte integrante do estabelecimento primitivo, sem o qual a disposição orgánica de esta abbadía resultaria incompleta.



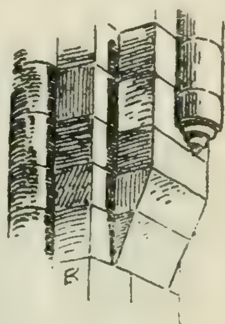
Typo de pilar da nave central parcialmente truncado

Seguindo sempre pela nave central nota-se a particularidade dos primeiros pilares, em numero de oito de cada lado, terem as varas adossadas no interior truncadas inferiormente em alturas variaveis, não por vandalismo de épocha posterior, antes téchnicamente resolvido mediante mísulas ou *cul de lampes* de diverso modelo, conforme indicam os *croquis* insertos no texto.

Nos vãos do 5.º e 6.º tramos das collaterais fôram erigidos no seculo XVIII, n'uma épocha, portanto, em que o culto já era facultado aos leigos, quatro altares em mármore polychromo, respectivamente dedicados a S. Bernardo, S. Bento, S. João e N.ª S.ª do Rosario, obras que, embora de algum merecimento, destôam lamentavelmente do estylo sevéro da egreja. A restante nave e as collaterais eram então vedadas por uma gradaria, sendo a àrea quasi total da nave central occupada pelo extenso cadeirame dos

monges, óbra de primorósa talha, offerta do Rei D. Manoel I, quando o principe Affonso foi Abbade Commendatário do mosteiro. Este cadeirame, descripto por authores antigos e ao que se refere Vilhena Barbosa, devia ser em tudo no género do que ainda se admira no mosteiro de S.ta Cruz de Coimbra, unico exemplar d'aquella épocha que em Portugal se conservou até aos nossos dias.

Núa e deserta hoje a nave, desprovida do extenso cadeirame ou côro, que, á semelhança das cathedrais hespanholas, a atravancava, mais fácilmente podemos apreciar o seu desproporcionado comprimento comparado com a sua largura e inteirar-mo-nos da fria singeleza de toda a estructura do templo. O que particularmente desperta, por imprevisto, a curiosidade do visitante é a invulgar fórma das collaterais, guindadas a egual altura da nave central, systhema espalhado na Allemanha e particularmente na Westphália, mas que aparece esporádico em Portugal, apesar de adoptado três séculos depois, no periodo manoelino e na primeira renascença clássica [1].



Typo de pilar da nave central parcialmente truncado

Percorrida a extensa nave, ladeada de vinte e quatro pilares, e alcançado o transepto, notam-se logo a disymetria d'este com uma unica nave collateral, tendo na face opposta e correspondente aos dois tramos com que elle excede a largura da naves, respectivamente, duas capellas absydais de meia altura.

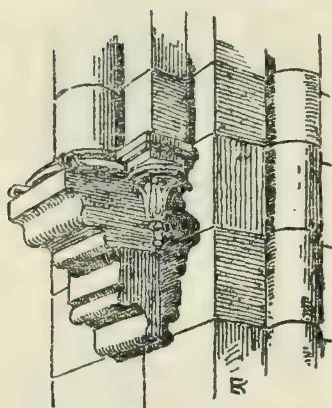
D'estas capellas têem interesse as duas do lado da Epístola, nomeadamente a que em grupo esculptural cerámico representa

(1) Conhecido na Allemanha pela designação de Hallenkirchen: Jeronymos, Egreja de Jesus de Setubal, Sés de Leiria e de Portalegre.

a morte de S. Bernardo, da qual algumas figuras, ainda intactas, revelam o grande talento do frade artista que as modelou. São testemunho da brilhante escóla de barristas que adentro do mosteiro se criou e manteve por largo período, espalhando os productos pelas casas da Ordem (1).

N'esta capella jazem ainda, em modestas arcas tumulares do seculo XVII, os reis D. Affonso II e III, tendo nas testeiras as inscripções com as datas, respectivamente, de 1224 e 1279.

Nos dois faciais do cruzeiro erguem-se grandes altares de pedra, óbras de insignificante valía dos fins do século XVI (2), representando S. Miguel o do Evangelho e o do lado da Epístola, a Ascenção. O primeiro d'estes altares occasionou a obstrucção da entrada para a primitiva sachristia, hoje conhecida pela *casa do thesouro*, accessivel agora por uma porta dependente da capella de S. Sebastião. Esta casa, que recebia escassa luz por uma insignificante fresta, foi, a avaliar pelo estylo da óbra, ao tempo do abbade Dornellas beneficiada com uma larga janella gradeada, talvez para melhor se contemplar nas suas minúcias uma joia de ourivesaría, a famósa custódia com que elle presenteou o mosteiro ao tempo do seu governo (3). Retirada a sachristía do seu destino primitivo, depois



Typo de pilar da nave central parcialmente truncado

(1) São certamente d'esta proveniencia as figuras que ostenta a fachada do mosteiro de Bouro (Minho), da mesma linha.

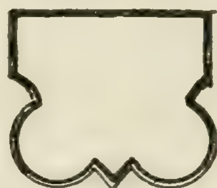
(2) Têem a era de 1594.

(3) Esta custódia de prata doirada com a inscripção: D. Frei João Dornelas Abbade de Alcobaça era de 1404—, encontra-se hoje no Museu das Janellas Verdes.

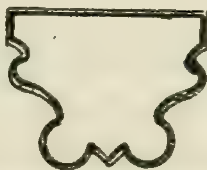
da construcção de uma nova e mais sumptuósa pelo Rei D. Manoel, foi a primeira reduzida consideravelmente nas suas dimensões, em virtude da collocação de uma escada monumental pondo em communicação directa o templo com os aposentos dos Abbades, installados desde o início do regíme commendatário em parte do antigo dormitório commum. Este, primitivamente, tinha a sua communicação com a egreja por uma escada de madeira, desembocando directamente no transépto por uma porta ogíval, ainda reco-



Perfil dos arcos cruzeiros das naves laterais



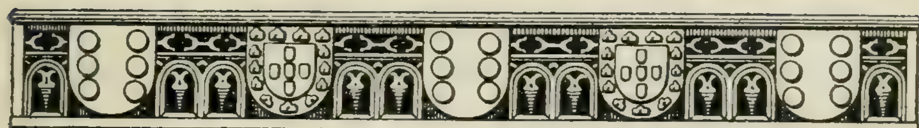
Perfil dos arcos cruzeiros da nave central



Perfil dos arcos cruzeiros do transepto

nhecivel no facial norte do transepto, á esquerda do jà mencionado altar de S. Miguel.

Quanto ao altar do facial opposto (lado sul) do transepto, egualmente alterou a physionomia da egreja, mascarando uma porta importante e de desusadas proporções, mui caracteristica do fim a que se destinava, qual era a de passagem dos funerais precedidos da cruz alçada que conduziam os companheiros mórtos para o cemitério, então situado ao longo da fachada sul do templo.



O PANTHEON REAL

Frente á ultima capella do transépto (a da morte de S. Bernardo) ergue-se um largo portal gradeado que dá ingresso para uma sala quadrangular de architectura apparentemente coeva da do monumento, de proporções exígüas, escassamente illuminada e húmida, devido á sua localisação, muito imprópria para servir de depósito de relíquias d'arte de universal renome.

Sobre duas possantes arcas tumulares, ricamente historiadas, n'uma minúcia esculptural só egualada nas mais perfeitas illuminuras da épocha, repousam, cheias de expressão e commovedora magestade, as estàtuas jacentes de D. Pedro e D. Ignez de Castro. Estes túmulos, álem do que significam de empolgante para o espirito portuguez, perpetuam a maior tragédia de amor da sua história e são do que de melhor nos legou em todo o mundo a estatuària da edade média.

Em riquissima composição architectónica e exhuberancia de figuração, os diversos faciais das duas arcas tumulares, a par de assumptos religiósos do Velho e Novo Testamento, representam toda a tragédia sangrenta dos protagonistas, víctimas da intriga e traição da Côrte. No túmulo de D. Ignez vêmos representados os passos da vida de Christo, n'uma série de delicadas scenas tam claras e expressivas que a sua interpretação resulta automática. No facial

da cabeceira a representação é a do Calvário e no dos pès, a do Juizo Final, grandiósa página de illuminura de uma espantósa pujança de composição.

No túmulo de D. Pedro os faciais laterais são preenchidos por passagens da vida de S. Bartholomeu, excedendo, porém, em belleza, tudo quanto imaginar se possa, a grande rosácea da cabeceira, em cujas dezoito édículas se reproduz, com uma delicadeza e minúcia impressionantes, todo o real poema de amor, desde a vida intima dos dois amantes até á tragédia sangrenta da degolação de Ignez, terminando pela justa expiação dos seus assassinos.

Embora em todo o tempo admirados como authenticas óbras de arte, estes monumentos só modernamente fôram objecto de sério estudo iconográphico. Iniciou esta tarefa, com a sua monumental obra «Inêz de Castro e Pedro Crú perante a iconografia dos seus tumulos» o illustre filho de Alcobaça M. Vieira Natividade. Recentemente, veio á publicidade tambem a notavel óbra do Dr. António de Vasconcellos «Inêz de Castro», apresentando algumas divergencias de interpretação.

Estes dois túmulos reais, hoje collocados frente a frente — D. Pedro olhando na morte como na vida aquella que o seu coração escolhera e que só depois de morte logrou ser rainha — estiveram, desde a trasladação dos seus córpos para a abbadía, expóstos no transépto, lado a lado e em frente da capella de S. Pedro, a primeira á direita do deambulatório, até que em data incerta, mas, decerto, na segunda metade do século XVIII, passaram para o chamado Pantheon, especialmente construido para receber aquellas joias de arte.

No mesmo recinto encontram-se ainda dispóstos em arcas do século XVI, collocadas em nichos, respectivamente: á direita os

restos da Infanta D. Sancha e do Infante Vicente, á esquerda os do Infante D. Fernando, todos filhos de D. Affonso III, e ainda no 1.º nicho à esquerda o túmulo da Rainha D. Urraca, esposa de D. Affonso II. Junto da parede, posto sobre dois plintos, fica um sarcóphago de apparencia muito archaica, com inscripção em latim dizendo ser de D. Beatriz, esposa de D. Affonso III.

Julgamos não dever regressar ao templo sem fazer algumas considerações sobre a architectura própria d'esta sala. Constructivamente com todas as apparencias de uma óbra medieval, pertence, comtudo, a sua authoria a um espírito de artista erudito, que, n'uma épocha em que se abominava como bárbaro tudo quanto a edade média nos legou, se comprazia em compôr n'um estylo histórico, sem servilismo, adaptando de um modo maravilhoso as fórmas ornamentais ao gôsto do seu tempo.

Artista perfeito e de um superior gôsto, realisou uma estylisação original de capiteis e mísulas n'uma primorósa execução, tam ricamente modelada como se fôra um lavôr de exímio cinzelador de baixella.

É devéras estranho que d'esta obra, de relativa importancia e exemplar bem curioso como precursor de architectura histórica, author algum ou chronista faça qualquer referencia á épocha da sua construcção, embora pela estylisação dos pormenóres ornamentais e, ainda, pela téchnica do apparelho com alguma segurança se possa attribuir à segunda metade do século XVIII. Se, como diz Natividade nas suas notas históricas sobre o mosteiro de Alcobaça, esta sála mandou fazer D. Jorge de Mello, quando abbade do mosteiro, de presumir é que o mausoléo actual veio substituir o primitivo 250 anos depois.

Á excepção dos dois túmulos de D. Pedro e D. Ignez, que

anteriormente estiveram collocados no transépto, os restantes túmulos reais, segundo reza a chrónica de Frei Bernardo de Brito, estiveram expostos n'um pantheon mandado construir por D. Affonso II, a que elle deu o título de gallilé, e que se encontrava no local da actual Sála dos Reis. É possivel que, à semelhança do que se vê em muitos mosteiros de Hespanha, do adro ou narthex freqúentado pelo povo se avistassem os túmulos devidamente protegidos por gradarias.





A CAPELLA-MÓR

Enfrentando esta, estranhámos as suas proporções exígüas comparadas com a extensão desmesurada da nave, o que se explica em vista do côro ou cadeirame ter sido collocado na nave, como foi uso nos mosteiros e cathedrais hespanholas. Excede o cruzeiro na dimensão correspondente às capellas ou absydíolos do transépto, terminando por uma ábsyde de fórma polygonal sustentada por oito possantes columnas e duas pilastras e deixando, outróra, perceber atravez de estreitos arcos ogivais o deambulatório ou charóla e o rosário de nove capellas, a primeira das quais, a contar da esquerda, serviu desde o início de communicação com o claustro menor dos noviços.

A sevéra monumentalidade das linhas primitivas da capella-mór encontra-se mascarada por uma architectura clássica da authoria de um architecto inglez, Guilherme Elsdon, datando de 1696' cujo enxerto um dia deverá ceder a um plano de óbras de restauro, visto o seu pouco valor artistico não compensar a irritante desharmonía que óbra tam exótica provóca.

Caminhando pelo deambulatório depara-se-nos uma série de capellas, hoje ricamente decoradas com óbra de talha do século XVIII, todas recebendo uma mystica luz theatral, proveniente de

lanternins, com o que contrastam singularmente no seu aspecto sumptuoso com a simplicidade commovedora das primitivas capellas illuminadas por estreitas frestas, tendo como unica decoração um singelo altar de pedra.

Algumas das capellas conservam ainda o distico inicial da sua invocação, assim os da Santa Trindade, S. Bartholomeu e Santo Estevão. Dos altares modernos merecem referencia as imagens de talha polychromadas de Santa Umbelina e Santa Thereza.





A SACHRISTIA

Afim de dar accésso á nova sachristía, mandada fazer por D. Manoel ao tempo do principe Affonso ser abbade commendatário do mosteiro, foi inutilisada uma das capellas, atravez da qual se avista a abóbada do átrio, de rica laçaria, dando-nos uma ideia do que devia ter sido a sumptuósa óbra. Para a realisar foi chamado o grande mestre Castilho, que acabára de trabalhar em Thomar e na Capella Imperfeita da Batalha, tendo insophismavelmente marcado aqui a sua passagem na composição de dois portais d'aquelle exhuberante estylo naturalista que caracterisa as óbras de sua authoría.

Tendo ruído a abóbada, quando do terramóto de 1755, a sachristía foi pouco depois reedificada no estylo clássico da épocha, substituindo as abóbadas de pedra um tecto de estuque. Proveniente, certamente, do antigo recheio da sachristía manoelina encontram-se ainda dois valiósos armários renascença, em madeira do Brasil, com ricos embutidos. Famósos arcázes em estylo D. João V, adornados outróra com esplendidos bronzes, attestam ainda a sumptuosidade de uma das ultimas óbras que os frades erigiram.

Ao fundo da sachristía existe um bello relicário, óbra do

século XVII, de fórma polygonal, revestido todo, até á cúpula, de rica óbra de talha, completada por bustos e imagens cerámicas dos barristas do mosteiro.

Transpondo a porta exterior do átrio avista-se o chamado *Jardim das Murtas*, que durante séculos serviu de cemitério aos frades e apóz a extinção das ordens religiósas foi transformado em cemitério publico. Ao centro ergue-se a pequena capella de *N.ª S.ª do Desterro*, notavel pelos esplendidos azulejos que a ornam interiormente.





O CLAUSTRO

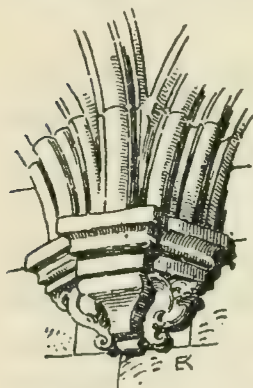
Regressando ao templo e sahindo pela porta sita no ultimo tramo da collateral norte, entra-se no claustro principal, chamado do Silencio ou de D. Diniz, por ser óbra mandada fazer por este monarcha pelo architecto Domingo Domingues.

Este claustro substituiu outro do tempo da fundação, de estructura naturalmente menos sumptuósa e de menor altura, como o attestam os indícios visiveis no lanço collateral do templo, marcando na parede d'este a linha dos arcos formais das anteriores abóbadas, inferiores em altura.

Embora denotando falta de homogeneidade e incorrecções próprias de óbras de reconstrucção, sujeitas, como aqui, a elementos constructivos já existentes, tais os do quadrilátero exterior, pertencente indubitavelmente ao primeiro período da construcção da abbadía, este claustro é, comtudo, o espécimen mais rico de todos os existentes em Portugal dos fins do século XIII ou principios do século XIV. As delicadas ogívas ou arcos, aos quais não é estranha certa influencia árabe, assentes sobre esbeltas columnas geminadas, de capiteis de rica e variada composição, contrastam singularmente com a robustez dos botaréos de grosseira feitura, e os arcos

segmentais encaixados n'estes seriam vantajosamente substitúidos por arcos ogivais, como em Coimbra e Evora, se não constitúissem um «leit motif» já adoptado no exterior do corpo do Dormitório e que semelhantamente existe no pouco que em Claraval se encontra de pé.

Seguindo pelo lanço do nascente e proximamente ao centro d'este, abre-se a portada da Sála do Capitulo, ladeada pelas clàssicas janellas geminadas, que encontramos tambem na Batalha. É um vasto recinto formando um quadrado de dezoito metros por lado, coberto por uma abóbada de nove tramos e supportado por quatro pilares de columnas enfeixadas. O artezonado das abóbadas é em tudo identico ao do claustro e do Parlatório confinante. Além da segunda luz que recebe do claustro, tem tres janellas abertas do lado do nascente. Esta sála, embora revéle indícios de renovações posteriores e correspondentes ao período de reconstrucção do claustro durante o reinado de D. Diniz, pela fórma accentuadamente románica, ainda, do seu portal e das ventanas lateraes, demonstra pertencer às primeiras edificações da abbadía, confirmando assim a regra de prioridade de construcção que nos estabelecimentos monàsticos cabia invariavelmente àquelle recinto, depois do início da capella-mór.



Cul de lampe ou docel da abóbada do capitulo (lavrado typicamente borgonhez)

Tornejando pelo lanço norte do claustro e depois de se passar pelo *Parlatório*, defronta-se com uma porta, hoje vedada, que em tempos communicava com o *Calefatório*, recinto onde os monges se reúniam em torno de uma vasta lareira central,

em tudo semelhante à chaminé da actual cosinha, que a veio substituir (1).

Caminhando sempre pelo lanço norte, abre-se ao meio d'este, orientada para o sul, uma formosa édícula de planta hexagonal, hoje coberta por um terraço protegido por platibanda manoelina, mas originariamente devendo terminar por cobertura de telha de escama, como todo o restante edificio. Este recinto, com o seu *lavabo* ao centro (que não é o primitivo), servia para as abluções da communidade e n'elle se procedia à tonsura dos clausurados.

A avaliar pelo seu estylo deve ser anterior á reedificação do claustro, do qual consitúe o trecho mais interessante, cheio de pormenóres imprevistos, harmonisando-se em absoluto com a fórma esbelta que caracterisa toda a traça *do Refeitório*, de que, afinal, é o seu natural e lógico complemento.



(1) Um primoroso exemplar de Calefatório com a sua lareira central e em perfeito estado de conservação existe ainda no convento de Christo de Thomar.



O REFEITÓRIO

Frente á édícula das abluções e descendo uns degraus, abre-se um largo portal de typo ainda primitivo, dando ingresso ao monumental Refeitório. Esta sala, de fórma rectangular, medindo 29,30 por 21,80 é formada por quinze tramos de abóbadas dispostas em tres ordens, sustentadas por oito esbeltas columnas. O abobadado, em flagrante contraste com as fórmas das janellas e da porta e das columnas anneladas, accusa um período de construcção francamente ogival. O artezonado é de secção rectangular, de aresta viva, sem fechos no cruzamento, perfeitamente egual ao que encontrámos nos dois pavimentos do corpo do dormitório. Este typo, devéras raro nas construcções coevas de Portugal (1), embora muito em voga dois séculos depois nas obras seiscentistas, póde levar a suppôr que se trata de uma reconstrucção posterior, tanto mais que as chrónicas se referem a terramótos que causaram grande damno ao mosteiro. Esta hypóthese, porém, ha que pôl-a de parte, desde que verificámos em Claraval a existencia d'um systhema absolutamente identico.

A accentuada divergencia que se nota entre a estructura da sála e o seu abobadado deve derivar do facto de este vasto recinto, de proximamente 650 metros quadrados, ter permanecido por largo

(1) Sés de Leiria e Portalegre.

período sem as suas abóbadas esbeltas, coberto apenas por um tecto horizontal de madeira. De facto, uma fiáda de cantaría, destacando-se ostensivamente da restante silharía, não só pela sua menor altura como pelo seu apparelho grosseiro, posto agora a descoberto, com o desnudamento das cantarías, parece revelar uma primitiva cornija de apoio ao tecto de madeira, cornija esta cortada aquando da elevação da sála mediante as abóbadas.

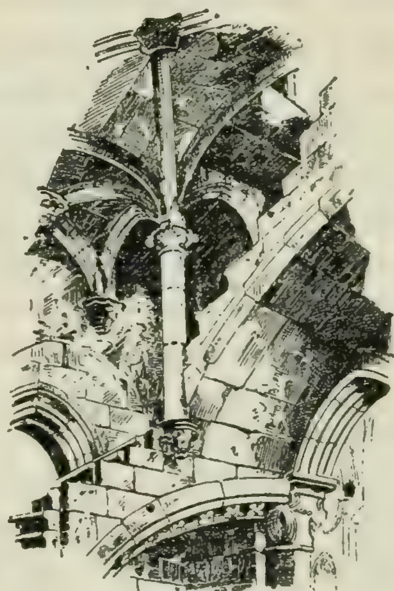
Àlem de uma série de frestas superiores laterais e de uma rosácea na testeira norte, o Refeitório recebia luz por uma ordem de cinco janellas na parte inferior d'esta e por uma fieira de cinco frestas de grandes proporções, á mesma altura das anteriores, abertas do lado do nascente, e outras duas de egual feição do lado occidental. Estas aberturas, que as óbras de restauro puzeram agora a descoberto, permaneceram entaipadas por inuteis desde a ampliação e transformação em cosinha do primitivo Calefatório e da construcção durante o reinado de D. Affonso VI do claustro confinante ao poente.

Do lado occidental da sala e embebido na espessura da parede adivinha-se, atravez d'uma encantadora arcaría de resguardo ascendente, composta de cinco arcos de volta perfeita, sustentados por esbeltas columnas e typicos capiteis, a escada, conduzindo ao púlpito do monge leitor. Esta pequena arcáda, seguindo no seu traçado ascensional o movimento da escada, lembrando bem a proporção de homem em contraste com as invulgares dimensões de recinto, é um dos mais bellos trechos que existem no género.

Se, por um esfôrço da imaginação, reconstituirmos a série de janellas e a rosácea da testeira, que uma óbra de restauro do seculo XVIII brutalmente substituiu por triviais aberturas de fórma rectangular, e que a Administração dos Monumentos Nacionais

decerto não tardará a repôr na sua primitiva belleza, e se a esse conjuncto, da mais pura architectura medieval, pudermos, como indispensável complemento, juntar o rico pavimento cerâmico que outróra devia emprestar o maximo de brilho à já assim faustosa sála, teremos o quadro superiormente bello do que foi o Refeitório de uma das mais afamadas abbadías que a Ordem de Cistér ergueu durante o curto periodo da sua espantósa expansão christã no Velho Mundo.

Regressando ao Claustro do Silencio e entrando no recinto ajardinado, abrange a nossa vista o vasto quadrilátero, medindo pela face externa das paredes trinta e oito por trinta e seis metros. O piso inferior, primitivamente coberto com telhado, foi transformado em terraço e o claustro foi ampliado com uma segunda galería, mandada fazer por D. Manoel I, assim como os novos aposentos do abbade, contigúos a este e feitos à custa de uma parte do Dormitório commum, recinto este modernamente transformado em escadaría, segundo um plano do restauro bem infeliz do engenheiro Fuschini, ao tempo exercendo a direcção dos Monumentos Nacionais. Mas não se limitou a commeter esta barbaridade que, aliaz, nada explica, visto o acesso do 2.º pizo do claustro já se encontrar regulado por uma escada de espiral, revelando o intelli-



Caixa da escada do Claustro de D. Diniz (destruida por Fuschini)
Desenho de Haupt

gente espirito de adaptação do mestre Castilho [1], que para esta óbra escolheu uma édícula existente no lanço collateral do templo, alteando este no estylo da épocha e collocando na face superior correspondente ás arcádas da galeria uma curiósa janella de feição perfeitamente *mudejar*.

Esta ampliação de Castilho, perfeitamente integrada na restante óbra de sua authoría, foi apeada sem justificação e nem, sequer, tal explicam razões de excessiva tendencia purista, pois a ellas devia então ter-se sacrificado toda a galeria superior manoelina.

Continuando o percurso pelo lanço occidental do claustro, e depois de se passar por uma porta identica á do Calefatório, porta que deveria primitivamente servir de entrada para a cosinha, encontrámos no termo do lanço uma porta de construcção moderna [2] dando ingresso á chamada *Sála dos Reis*, assim denominada por alí estarem expostos sobre uma série de possantes mísulas, em ordem chronológica, as estátuas dos monarchas de Portugal. Na testeira da sála vê-se um grupo representando a coroação de D. Affonso Henriques pelo Papa, acolytado por S. Bernardo. Afòra as figuras representando monarchas, presumivelmente contemporáneos do artista, como D. João V e D. José, aquella exposição, pelo anachronismo da indumentària, não passa de uma authentica revista carnavalesca.

Ha que notar n'esta sála, comtudo, os soberbos azulejos representando em interessantes quadros, acompanhados de pormenorisadas legendas, a fundação do mosteiro, segundo a referem os chronistas da Ordem. N'um recanto da sála acha-se exposto um enorme caldeirão, proveniente dos despojos tomados aos castelhanos na batalha de Aljubarrota [3].

---

(1) D'esta interessante peça de architectura, que ainda existia intacta ha uns 30 anos, reproduziu Haupt um trecho do interior. As cantarias provenientes da demolição da parte superior encontram-se no claustro.

(2) Obra do restauro de Fuschini.

(3) O mosteiro recebeu, apoz a batalha de Aljubarrota, muitos e valiosos despojos da guerra, offerecidos por D. João I ao seu amigo o abbade Dornellas.



O DORMITÓRIO COMMUM

Atravessando o templo e contornando exteriormente o vasto edificio pela estrada nacional e passando ainda pela frontaría do Refeitório, unico trecho que vagamente deixa adivinhar o que seria a primitiva physionomía da velha Abbadía, chama a nossa attenção e curiosidade um corpo escarpado com aspecto de fortaleza, terminando por uma elevada empena encimada pela estàtua de D. Affonso Henriques.

Inteiramente desfigurada por enxertos do seculo XVIII, tal qual succedeu à fachada do templo, esta parte, formando, hoje, o corpo dominante da interminavel fachada lateral da abbadía, de um comprimento approximado de 220 metros, de mínimo interesse artístico, recórda, comtudo, nas suas linhas gerais e proporções, a monumental empena da mais vasta dependencia da velha Abbadía. Desconhecida pela grande maioría dos visitantes, esta importante dependencia do primitivo estabelecimento, constitüida no pavimento térreo por um vasto salão seguido pelo Parlatório, pela sála capitular e pela sachristía, até ao limite da fachàda norte do transepto, formava no pizo superior um salão unico destinado ao dormitório commum, como era o preceito da Ordem [1].

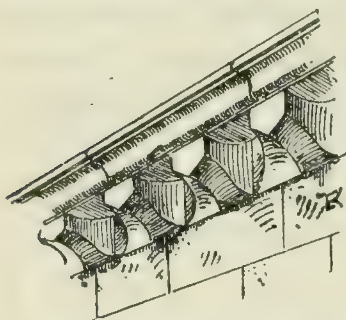
---

[1] No seu livro A Architectura Religiosa na Edade Média, Augusto Fuschini publica uma planta parcial da velha abbadia, abrangendo além do templo apenas o claustro annexo e a sala capitular, dizendo *«n'isto consiste a parte monumental do mosteiro»*.

Na planta de Watson, ainda mais incompleta, nem, sequer, figura o Capitulo.

Este formoso salão, de um comprimento total de 66 m. por 17 de largura, n'outros tempos nada inferior em grandiosidade ao Refeitório, hoje dividido por panos de tijolo ligando longitudinalmente as vinte esbeltas columnas que em duas ordens supportam os 33 tramos da abóbada, dá hoje uma pállida ideia, apenas, da sua primitiva belleza e vastidão.

É de esperar que a Administração dos Monumentos Nacionais, proseguindo no seu plano systhematicamente effectivado de reconquista gradual de todas as dependencias da velha Abbadía, consiga n'um futuro breve a dotação indispensavel para realisar as obras de restauro d'esta dependencia como do Refeitório e, portanto, a integração d'estas duas jóias de architectura na àrea facultada aos visitantes do Monumento. Na extremidade do salão, transformado ao tempo em habitação privativa dos abbades, encontra-se encostada á parede do transepto da egreja uma escada monumental, que punha em communicação directa esta dependencia com o templo. Outra escada, egualmente datada do século XVII, conduz ao dormitório dos Noviços, que em egual periodo foi installado no sótão, que occupava toda a enorme àrea do corpo do dormitório.

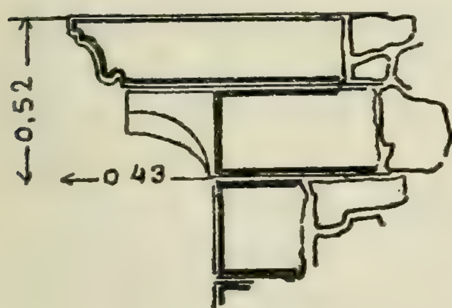

Cornija da fachada oriental do corpo do Dormitório (typo caracteristico borgonhez)

N'um terraço acessivel por uma sála abobadada vêem-se nos machos, entre as janellas, duas formosas mísulas e respectivos baldaquinos, trazidos certamente de outro local, cujas estatuetas ou imagens, que as deviam completar, desappareceram.

Pelo estylo, pura escóla da Batalha, se adivinha logo estar-se em presença do pouco que resta de obras, talvez, de vulto, teste-

munhando o governo do famoso abbade Dornellas, do qual uma das mísulas ostenta o seu curioso brazão ([1]).

Descendo para o claustro, chamado do Cardeal, de pezada construcção do século XVII, cujos tres lanços formam com a facháda lateral do dormitório o vasto qüadrilátero conhecido tambem pelo claustro dos Noviços, avista-se do páteo d'este o dormitório com os seus pezados gigantes ligados superiormente por arcos rebaixados e terminando por uma cornija de typo caracteristicamente borgonhez. Este trecho de architectura, afóra o templo e a já citada facháda do Refeitório, é o pouco que no meio d'este enorme complexo de construcções heterogéneas denota exteriormente a existencia da primitiva abbadía.



Perfil da cornija anterior

Comtudo, apreciando n'uma rapida visão o que são as extensas dependencias, que durante os seculos XVII e XVIII os frades mandaram erigir para comportar a sua crescente população, sáhe-se desolado e surge no espirito, empolgante e magestosa, como imagem inapagavel, a primitiva fábrica, óbra dos valorósos discipulos de S. Bernardo. Esta jóia preciósa de um periodo de arte creador, tão persuasiva e intelligentemente delineada, resultou tam inabalavel espiritual e materialmente, que os sucessivos séculos, de um gôsto pervertido, se limitaram a realisar óbras de adaptação, mascarando o exterior no sentido de o harmonisar com o gôsto da épocha, sem ousarem tocar na formidavel ossatura de um edificio que, pela sua grandiosidade, soube manter em respeito os mais atrevidos demolidores, resistindo a toda a ideia renovadora.

([1]) Recentemente mutilado.



AS RESTANTES DEPENDENCIAS DA ABBADÍA

Não significam as considerações anteriores que as óbras de alargamento, successivamente realisadas a partir do início do século XVII, carecem em absoluto de interesse sob o ponto de vista artístico e que a ellas não tenha presidido um louvavel espírito de sumptuosidade.

Com o fim de dar à frontaría principal (lado poente) uma physionomía monumental, inconcebivel no reinado da architectura clàssica sem o principio rígido de uma minuciosa symetría, a facháda do templo enxertada então por uma architectura decadente recebeu duas torres, e uma nova ála estendendo-se para o sul, apoz importantes óbras de desaterro e terraplanagens, conferiu ao templo o logar primacial ao centro de uma immensa fachada de perto de duzentos metros de comprimento ([1]).

Do lado norte da estrada nacional, os diversos córpos da primitiva abbadía, desaggregados, deixando entre si vastos páteos de respiração e luz, fôram successivamente ligados, primeiro pela construcção do claustro de D. Affonso VI, pela construcção da nova cosinha depois, tudo, emfim, alinhado por uma facháda única de

---

([1]) As terras provenientes do referido desaterro fôram lançadas a todo o comprimento da fachada sul do templo, n'uma altura de, proximamente, tres metros, com grave prejuizo do edificio.

duzentos e vinte metros de comprido, formando a parte nova ao nascente da abbadía primitiva um qüadrilátero de 137 por 95 metros, constitúido por dois claustros.

O primeiro annexo ao dormitório antigo, fórma com este e com as tres álas novas em arcádas sobrepostas, um páteo de 45 por 55 metros, atravessado por uma abundante valla de água derivada do Rio Alcôa. A ála sul d'este claustro, chamado do Cardeal ou dos Noviços, compõe-se simplesmente de galerias de communicação correspondentes aos dois pizos, visto a situação do templo contigüo e mais, ainda, a localisação desordenada da sachristía de D. Manoel não permittirem a installação de quaisquer dependencias.

O segundo claustro fórma um páteo qüadrado de cincoenta e cinco metros por lado. De maior extensão que o anterior, fere pelo seu aspecto imprevistamente profano, o qual a sua denominação de *Rachadouro* não consegue diminuir. No andar nobre da ála sul d'este claustro estava, n'uma bella sála de 47 metros por 12,7, installada a bibliotheca abbacial, amplamente illuminada por duas ordens sobrepostas de janellas. Tinha um bello tecto de estuque manual, de bastante merecimento, óbra, a avaliar do seu estylo, de início do seculo passado, correspondendo ás linhas gerais de ornamentação d'este um pavimento de mármore polychromo. Os vãos das janellas conservam ainda a pintura a fresco, tanto em uso então, no gôsto «pompeiano», que completava, àlem das estantes da livraria, a decoração da sála, derradeira obra de importancia artística, mandada fazer pelos frades, nunca suppondo, decerto, estar tam proximo o fim do seu regime pela extinção das Ordens Religiósas.


Aduéla do pórtico do parlatório

Subordinado á orientação da magestósa sála da livraria,

estendia-se soberbo um grande parque com um tanque de água e bastas óbras de decoração architectónica, como era uso então.

Finalmente, merece especial menção a monumental cosinha, installada em meádos do século XVIII no local do primitivo calefatório e do pàteo, que separava outróra os dois córpos parallelos do Dormitório Commum e do Refeitório.

Muito hábilmente aproveitados os espaços entre os botaréos e a máxima altura das duas construcções confinantes, executou-se uma óbra tam intelligentemente adaptada ao seu fim, tam bem apetrechada de todos os requisìtos, como só século e meio depois a engenharia as criou nos gigantescos laboratórios da moderna indústria chìmica.

Àlem de duas chaminés parietais, tem uma enorme lareira central assente sobre quatro columnas de ferro, bastas mezas de mármore, uma lavandaria para limpeza de talheres e apetrechos de cosinha, tam práticamente disposta e alimentada por uma farta valla de água corrente, que só por si é óbra digna de vêr-se.

O aspecto imprevisto d'esta monumental officína dá-nos uma ideia do espantoso labor que aqui se desenvolvia para satisfação do estómago monstro de uma communidade, que de ha muito se affastára do viver frugal dos seus precursores, desvirtuando a missão civilisadora dos valorósos discipulos de S. Bernardo.

Esta dependencia do mosteiro, como todo o corpo do antigo dormitório, e a immensa casarìa que circumda os dois claustros já citados, o do Cardeal e o do Rachadouro, é hoje occupada pelo Asylo de Mendicidade, que alberga perto de mil internados. Ficou, assim, em parte realisada uma aspiração de Vilhena Barbosa, que ha mais de meio século jà, impressionado com o abandono e consequente ruìna irremediavel de tam vasto edifício sem utilisação, o queria vêr transformado em Albergue dos Inválidos do Trabalho.



ALGUMAS NOTAS HISTÓRICAS

Terminada a descripção do que foi a famosa Abbadía Cisterciense de Alcobaça e do que de notavel ainda hoje offerece, na sua vestimenta actual, incompleta ficaria esta, embora resumida, monographia, se a ella não juntassemos algumas notas referentes à vida, influencia e óbra civilisadora da Ordem atravez dos séculos.

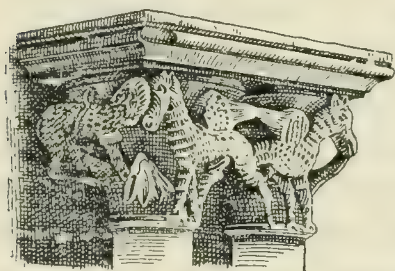
Fundada a abbadía em 1140, data, segundo os chronistas da Ordem, do lançamento da 1.ª pedra, em 2 de fevereiro do mesmo anno, com a assistencia do pròprio D. Affonso Henriques, seu fundador, só oitenta e cinco anos depois, reinando seu neto D. Affonso II, os monges de S. Bernardo tomaram solemne posse do novo estabelecimento, deixando o pequeno cenáculo que, desde a sua chegada da Borgonha, lhes servia de habitação provisòria.

A região desolada e deserta, devido às guerras constantes entre christãos e moiros, offerecia então já acolhedora segurança aos colónos, que ao abrigo do mosteiro se fôram estabelecendo com as garantias de forais ou cartas de povoação. N'estas lhes era conferida, inclusivamente, a posse das terras apoz alguns annos de cultivo, formando-se, assim, successivamente, importantes núcleos de povoações.

Na abbadía exerce-se a mais variada actividade industrial:

os campos são arroteados, criam-se rebanhos, transformam-se terras alagadiças em boas culturas; levadas de àgua irrigam os campos outróra estéreis. Fundam-se granjas, verdadeiras escólas agrícolas, onde se iniciam e ensinam os melhores processos de cultura então conhecidos, plantam-se pomares e olivais e as vertentes dos montes são arroteadas para a cultura da vinha.

Mas a influencia colonisadora dos monges de Alcobaça não se limitava ao convivio restricto com a população dos *coutos*. Missões moveis levavam a longiqüas terras do paiz os conhecimentos agrícolas e industriais de que eram possuidores.



Capiteis do Claustro

D'esta situação, grandes eram os privilégios e honrarías que provinham aos Abbades. Exerciam jurisdicção civil e criminal em treze villas e seus termos e até ao reinado de Affonso III a sua soberanía era quasi completa.

Os abbades de Alcobaça vestiam hábitos prelatícios e na gerarchía ecclesiástica tinham o primeiro logar depois dos bispos. Na Côrte disfructavam cargos de grande valía e representação, quais eram o de esmolér-mór e do conselho do rei. Capitães-móres dos *coutos* de Alcobaça nos primeiros tempos de lucta contra a moirama, mais tarde fronteiros-mòres, auxiliando n'esta qüalidade o monarcha contra os infieis ou ainda contra os invasores castelhanos, levantando e sustentando tropas.

Importantes eram as rendas que os frades recolhiam, não só das treze villas da sua jurisdicção, como de muitas propriedades de sua exclusiva administração. Tinham direitos e doações sobre

differentes villas e povoações do reino, assim como numerósas propriedades obtidas por doação particular.

Os arrendamentos eram feitos com uma segurança tal que excede a perspicàcia do mais inveterado usurário dos nossos dias.

A par d'esta triste nota de excessivo zelo administrativo, a portáda da Abbadía fornecia grande abundancia de esmólas á pobreza das terras da sua jurisdicção e, ainda, a gente fóra d'ellas. Segundo a *Corographia Portugueza*, referente ao principio do século XVIII, dava-se cada dia e durante todo o anno vinte e quatro alqueires de pão cosido, não entrando n'esta conta o pão, a carne e o peixe das sóbras do Refeitório, que tambem eram distribúidas. Em quinta-feira maior se dispendeu todos os annos com os pobres tres mil e quinhentos a quatro mil pães de toda a farinha, não entrando n'esta conta os que iam comer a sua ração ao Refeitório. No mesmo dia de quinta-feira maior se distribüiam todos os annos vinte e quatro a vinte e cinco moios de grão, entre trigo e milho, que o *frade tulheiro* do convento entregava aos pàrochos para elles repartirem pelas pessoas mais necessitadas das suas freguezias.

Tambem é proverbial o bom agasalho que os monges davam aos viajantes, consoante a sua condição. William Beckford, viajante que em 1794 visitou a Abbadía e alí foi hóspede, descreve com admiração o faustoso viver dos frades e a principesca hospitalidade de que foi objecto. Este célebre e illustre *lord* inglez, que tinha percorrido as principais côrtes do mundo civilisado, confessa nas suas cartas que a maior admiração que lhe causou em todas as suas viagens foi a maneira como o trataram os monges de Alcobaça. Na sua minuciosa resenha não esquece as igüarias que lhe offereceram e cuja existencia só conhecia na India e no Brasil. Descreve o côro dos noviços que durante as refeições cantava as

musicas mais apreciadas ao tempo, e cita, até, as finas rendas de Hollanda que guarneciam as roupas de que se serviu.

D. Pedro I, grande amigo do mosteiro, confirmou as doações feitas pelos seus antecessores, ampliando ainda esses já vastos domínios e restituindo outros que tinham sido usurpados por seu pai. Comtudo, cerceou os seus privilégios de soberania, mandando que os abbades appellassem para elle rei em todo e qualquer caso, quando d'antes «davam apelação para el-rey senão em caso de morte».

Grande amigo do mosteiro, ou mais própriamente do abbade, então D. frei João Dornellas, foi o rei D. João I, em recompensa do apoio político que este lhe déra e, ainda, do auxilio prestado na batalha de Aljubarrota, mandando um troço de homens capitaneados por seu irmão Martim Dornellas.

Os abbades escolhidos por livre eleição da communidade e com caràcter perpétuo facilmente eram levados a commeter toda a ordem de prepotencias, o que originou não poucas rebelliões, nomeadamente sob o governo do já citado Dornellas.

D. João III aboliu os abbades perpétuos ou vitalicios e criou os administradores seculares, mais tarde transformados em abbades commendatàrios, dos quais o primeiro foi o cardeal Infante D. Affonso, um dos mais dignos e illustres abbades que o mosteiro teve. Sob o seu governo e como medida de economía foi determinada a lotação exacta dos conventuais, a saber: 40 monges de missa, 5 irmãos do noviciado, 15 irmãos conversos e mais 15 criados seculares.

D. João IV, com evidente fim politico, aboliu a *«peste dos commendatários»*, que cerceavam as regalías dos frades, renovando os abbades de eleição.

Esta data marca o inicio de uma crescente decadencia do espírito monástico. A abbadía, que outróra contava 40 monges, irradiando fecunda luz directriz para a sociedade, tornou-se um cada vez mais monstruoso albergue de ociósos, absorvendo os seus 999 clausurados, numero que alcançaram, segundo Vilhena Barbosa, as melhores energías e prosperidades de um povo, sem uma apreciavel compensação.

Cabe ao mosteiro de Alcobaça a glória de ter aberto aos profános as primeiras aulas públicas, já no reinado de D. Affonso III, sendo o institüidor d'ellas o abbade D. fr. Estevão Martins, que as inaugurou em 1269, instituindo então determinadas rendas para o seu sustento.

Foi ainda um abbade de Alcobaça quem mais trabalhou para a fundação das «*Escólas Gerais*», mais tarde designadas por Universidade. Provocando uma petição collectiva dos abbades de outros mosteiros, enviada ao Papa em 1326, conseguiu que os mosteiros pudessem tirar das suas rendas o bastante para occorrer ás despezas indispensaveis, destacando-se Alcobaça pela importancia dos donatívos.

A par d'isso criou o mosteiro authenticas escólas agrícolas nas suas granjas do Valládo, Cela, Vimieiro e Evora.

Não menos interesse mereceu aos abbades a instrucção artística, admittindo á profissão religiosa, com especiais garantias, os artistas de qualquer género, mantendo offícinas de pintura, ceràmica, esculptura e outras.

Ao findar do século XVI estabeleceu-se no mosteiro uma typographia, de cujas offícinas sahiu a primeira parte da *Monarchia Lusitana* de Fr. Bernardo de Brito (1597). Dos escriptores ou chronistas do mosteiro, de maior nomeada, citaremos este mesmo

Fr. Bernardo do Brito, chronista da Ordem de S. Bernardo e nomeado chronista-mór do reino por Philippe II (1568-1617).

Fr. Bernardo de Castello Branco, formado em theologia pela Universidade de Coimbra, esteve como procurador da Ordem durante doze annos em Roma, sendo nomeado quando do seu regresso abbade geral da Ordem (1645-1725).

Fr. Manoel de Figueiredo, chronista da congregação, morreu no fim do século XVIII, deixando como escriptor fecundo numerosas dissertações historicó-criticas.

Fr. Manoel dos Santos, author da *Alcobaça Illustrada* e da *História Sebastica.*

Álem d'estes destacam-se mais:

Frei Affonso da Cruz, Frei Antonio Soares d'Albergaria (author dos *Trophéos Lusitanos)*, Frei Arsénio da Paixão, Frei Bernardo da Silva, Frei Diogo de Castilho, Frei Fradique Espinola, Frei Francisco Machado, Frei Francisco Roballo, Frei Gabriel d'Almeida, Frei Gonçalo da Silva, Frei João Claro, Frei José Caldeira, Frei José Loureiro, Frei Manoel da Rocha (author do *Portugal Renascido)* e Frei Nicolau Vieira.

Como prova da expansão e importancia que foi criando o mosteiro de Alcobaça no decorrer dos tempos basta recordar que na sua linha institüiu desde o século XII até á Restauração nada menos de dez mosteiros de monges e oito de freiras, espalhados desde o Minho ao Algarve.

Ao raiar do século XIX e não obstante o derradeiro estertor da reação autocrática, o povo minado já pelo espirito da revolução e pela ancia de libertar-se do jugo secular que o opprimia, entra em latente conflicto com os frades. O seu viver, nada se parecendo já com a conducta austéra, cheia de simplicidade e abnegação do

tempo em que a communidade prestava o seu melhor esfôrço ao progresso e à ordem de uma sociedade em formação, tornára-se execrado; a existencia de uma tal instituição, vivo cancro social, urgia extirpál-a.

Surge a invasão das hordas napoleónicas, as tropas do Conde d'Erlon assaltam o templo, roubam objectos de arte e ricas alfáias, é pasto das chammas o soberbo côro manoelino, e arrombam, para vergonha da civilisação, as preciosas jóias de arte que são os túmulos de D. Pedro e Ignez de Castro.

O povo, influenciado pelas ideias liberais da revolução, que se desenvolvem por toda a Európa culta, cresce de hostilidade contra a secular oppressão que o mosteiro exercia, torna insustentavel o seu mando, até que a transformação política do paiz decreta a extinção das ordens religiosas, em 1834, pondo o monumento á mercê da rapina e ao abandono.





ABBAYE CISTERCIENNE D'ALCOBAÇA

De même que Sainte-Marie-de-la-Victoire de Batalha, cette abbaye doit sa fondation à un vœu formulé par Dom Alphonse Henrique au moment où son armée marchait à la conquête de Santarem et de Lisbonne. Vainqueur, dans son avance irrésistible qui le mena jusqu'au-delà du Guadiana, après avoir asséné un coup formidable et décisif à la domination sarrasine dans les contrées de la Lusitanie et proclamé roi, il tint sa promesse et concéda à St. Bernard de Clairvaux les terrains et privilèges nécessaires à l'établissement de cette importante Abbaye de Cîteaux.

Parmi les édifices monastiques de cette époque, l'Abbaye d'Alcobaça est non seulement l'une des plus importantes, mais aussi l'une des plus particulièrement remarquables, ayant gardé — malgré de successives ampliations, réformes et réédifications — son noyau primitif, construit par les moines de Saint Bernard, presque intact jusqu'à nos jours. En effet, nous sommes ici en présence de l'un des rares spécimens typiques de l'établissement monastique de l'ordre de Cîteaux, qui soit parvenu jusqu'à nous dans un état de conservation presque entière de ses installations essentielles.

Copie authentique, dans son plan et dans toutes ses proportions, de l' Abbaye contemporaine de Clairvaux, qui était elle-

même une imitation servile de celle de Cîteaux, (toutes deux presque en totalité disparues par suite des réédifications du XVIIIe siècle), elle nous offre aujourd'hui un intéressant et authentique *facsimile* de ce qu'avaient été primitivement ces deux fameuses abbayes bourguignonnes, d'où irradièrent la lumière et l'esprit de St. Hugo et de St. Bernard, imprimant leur direction à près de deux mille établissements qui, en moins de deux générations, s'étaient répandus à travers toute l'Europe, du Tage à la mer Baltique et de la Bretagne au Volga.

Le *Temple*, dont la façade est aujourd'hui complètement défigurée par des empâtements (qu'il ne faut pas confondre avec des réédifications) d'une architecture baroque rappelant certaines cathédrales de l'Amérique latine, est le plus vaste qui ait été édifié en Portugal aux premiers siècles de la nationalité. Long de 106^{m}, il surpasse de 25^{m} la longueur de l'Eglise de Sainte-Marie-de-la-Victoire de Batalha et de beaucoup plus, celle de toutes les cathédrales du pays; il a, par exemple et à peu de chose près, le double de longueur de celle de Porto.

Edifié dans la seconde moitié du XIIe siècle et au début du XIIIe, selon les préceptes rigides de l'ordre de Cîteaux, nous voyons adoptées ici, surtout pour la physionomie extérieure du monument, des formes constructives purement utilitaires, sans aucune préoccupation de somptuosité et avec une stylisation parfaite et une conception supérieure.

Le Temple a trois nefs, de hauteur sensiblement égale (19^{m}), disposition qui diffère de celle que nous voyons généralement adoptée dans ce pays et même en France à la même époque; il appartient donc au type des «Hallen Kirchen», dont le système est très employé en Allemagne et particulièrement en Westphalie.

Le plan de l'Eglise présente la forme de la croix latine; la nef et ses collatérales ont 12 travées supportées par 24 forts piliers de type variable. Les seize premières, à partir de l'entrée ont leurs colonnes adossées du côté intérieur et tronquées à des hauteurs diverses; quelques-unes sont supportées par de fortes consoles, d'un type bourguignon très caractéristique, comme le sont en outre la corniche et le dortoir ainsi que d'autres éléments constructifs de l'édifice. Le transept, composé de deux travées à chaque bras, dispose d'une nef centrale et d'une autre latérale, toutes deux de même hauteur. La partie correspondant à la nef latérale est occupée par quatre chapelles ayant la hauteur du déambulatoire et formant ainsi des absidioles à section rectangulaire.

Du chœur, ou *Chapelle principale*, aux proportions modestes, masqué aujourd'hui par une décoration d'architecture classique, œuvre d'un certain Guillaume Elsdem, architecte anglais, datée de 1676, on apercevait autrefois, à travers une colonnade de huit superbes colonnes gothiques, le *Déambulatoire* et le rosaire des neuf chapelles absidiales, richement décorées aujourd'hui de bois sculptés du XVIIIe siécle. Cette disposition architectonique de la partie absidiale, si fréquemment adoptée dans toute l'Europe à l'époque médiévale, ne se rencontre en Portugal, outre ce spécimen, que dans la reconstruction ou ampliation de la chapelle principale de la Cathédrale de Lisbonne, œuvre du début du XIVe siècle.

Dans le transept, du côté de l'Evangile, et dans la chapelle de Saint-Sébastien, se trouve une intéressante image de ce saint, offrant cette particularité de porter des culottes. La chapelle voisine, dédiée à N. D. de la Conception, fut incendiée durant l'invasion

napoléonienne. Du côte de l'Epître, les deux chapelles sont occupées par des groupes sculpturaux en céramique; le premier représente le Calvaire et le second, la mort de S.t Bernard; ce sont des œuvres exécutées par les moines.

En face de la chapelle de S.t Bernard, contenant les restes de D. Alphonse II et de D. Alphonse III, dans de modestes sépultures, on aperçoit, clos par un grillage de bois tourné, *le Panthéon Royal;* outre le sarcophage archaïque de la reine Dona Beatriz, femme de D. Alphonse III, et les bières de divers infants, on y trouve les tombeaux monumentaux de D. Pedro Ier et de Dona Ignez de Castro, avec leurs figures gisantes.

Placées en face l'une de l'autre, se regardant dans la mort comme pendant leur vie, ces deux figures personnifient l'amour et la douleur dans leur expression la plus intense et la plus poignante et rappellent l'un des plus saisissants poêmes qu'enregistre l'histoire de Portugal. Ces tombeaux, objet d'étude d'historiens autorisés, sont un chef-d'œuvre sculptural du XIVe siècle; ils ne sont comparables par leur richesse et leur perfection décorative qu'aux merveilles de l'art plastique des tombeaux de D. Jean II de Castille et de sa femme D. Isabelle de Portugal qui se trouvent dans la Chartreuse de Miraflores de Burgos.

En traversant une des chapelles de la *charóla,* ouverte au XVIe siécle, on pénètre dans un atrium clos par une voûte de belle guirlande en gothique fleuri et où l'on voit deux portails, œuvres du maître Castilho, révélateurs de cette école naturalíste caractérisant les œuvres de ce même architecte dans le Couvent du Christ à Thomar et dans la Chapelle Imparfaite de Batalha. D. Manuel, dont le fils Alphonse était à cette époque abbé commendataire du monastère, fit venir cet architecte pour construire une

nouvelle *Sacristie* plus ample (l'ancienne se trouvait à côté du transept nord et on la désigne aujourd'hui sous le nom de Trésor), et pour élever aussi une seconde galerie sur le *Cloître du Silencio*, ce qui fit perdre à celui-ci un peu de son caractère monumental primitif. La voûte de la sacristie, qui devait, si l'on en juge d'après celle de l'atrium, être un magnifique travail en style manuelin, s'effondra lors du tremblement de terre de 1755; la salle fut alors complètement réformée dans le style de l'architecture classique de l'époque. L'opulence de cette œuvre est encore attestée aujourd'hui par les très riches chapiers en bois du Brésil avec des applications de bronze, qui sont d'authentiques œuvres d'art. Au fond de cette vaste sacristie se trouve une chapelle polygonale, qui est un intéressant reliquaire, œuvre, dit-on, des moines.

Dans la direction opposée à la Sacristie se trouve la *Chapelle de N. S. de la Passion*, bien conservée, mais sans relief.

Hors de l'atrium est une petite chapelle, celle de *N. D. du Desterro*, notable par ses superbes *azulejos* du XVIII[e] siècle, qui proviennent de la fabrique du Juncal, alors fameuse.

Le cloître principal, dít de *Dom Diniz ou du Silencio*, oú l'on entre par une porte située dans la dernière travée de la nef collatérale de l'église, a dû en substituer un autre, de proportions et d'aspect moins opulents, contemporain de la fondation du monastère, car on trouve de ce dernier des indices non équivoques dans toute la partie collatérale de l'église, qui montre clairement les vestiges des arcs des voûtes primitives.

A la suite du mur oriental du cloître, s'ouvre, flanquée de belles fenêtres géminées, la porte de la *Maison du Chapitre*, enceinte carrée de 18 mètres de côté et dont la voûte est supportée par quatre délicats piliers. La porte et les fenêtres latérales

qui donnent sur le cloître, d'un type roman encore bien marqué, démontrent que cette partie de l'édifice appartient à la première période de la construction de l'abbaye, et confirme ainsi la règle de priorité de réalisation que l'Ordre a toujours imprimée à cette dépendance de ses établissements.

En continuant de parcourir le cloître et en traversant la porte du *Parloir* et celle du *Chauffoir* (salle où les moines se réunissaient autour d'un vaste foyer central) s'offre à nous l'un des plus superbes morceaux d'architecture de la vieille abbaye, la *Chapelle de la Tonsure* avec son lavabo (qui n'est pas le primitif). En face de cette chapelle, comme le prescrit le plan de l'Ordre, un large portail donne accès au monumental *Réfectoire*. Cette salle, vaste quadrilatère de 28^{m} sur 22 et sur 10^{m} de hauteur, et dont la voûte est supportée par huit colonnes, se trouvait, depuis plus de 50 ans, barbarement masquée par les toiles et les cloîsons d'un théatre; grâce aux efforts de la Direction des Monuments Nationaux, elle se présente à nous aujourd' hui dans toute sa majesté, comme un des plus beaux spécimens existants de la construction monastique médiévale; il n'y en a pas de meilleur dans le pays d'origine, la France, qui, pendant le moyen-âge, sema dans toute l'Europe ses vastes établissements de culture chrétienne.

Ce qui reste de la primitive abbaye ne se limite pas, cependant, aux installations ci-dessus décrites. Ayant quitté le cloître du *Silencio* et traversé une dernière dépendance de celui-ci, appelée la *Salle des Rois*, où, dans un ensemble d'accoutrements carnavalesques, se trouve une exposition chronologique des Monarques de Portugal, si, à la sortie du temple, on fait le tour de ce vaste ensemble, et si l'on suit la route nationale, on aperçoit, surpassant l'interminable façade de 220 mètres de long, un corps

de bâtiment, se donnant des airs de forteresse, surmonté de la statue de Dom Alphonse Henriques. Défiguré, tout comme la façade du temple, par des superfétations du XVIII[e] siècle et aussi par l'élévation d'un étage supplémentaire pour l'installation, à cette date, des novices, ce corps de bâtiment rappelle, cependant, dans ses lignes générales, le monumental pignon de la vaste dépendance de l'ancienne abbaye, ayant deux étages voûtés, dont le supérieur formait une *grande salle unique* à trois nefs et 10 travées, d'une longueur totale de 66 mètres sur 17 de large, qui primitivement devait servir de *Dortoir commun*, selon la règle de l'Ordre. Cette belle salle, divisée aujourd'hui par des cloisons et des murs, laisse mal deviner sa beauté primitive et la grandeur de ses proportions.

Ayant terminé la description succincte de ce qu'est aujourd'hui et de ce que fut la vieille abbaye que fit construire St. Bernard, et qui n'avait été projetée que pour contenir quatre-vingts moines et un nombre proportionnel de novíces et de frères convers, voyons maintenant ce qu'elle est devenue dans le cours des temps jusqu'au moment de son extinction, quand elle abritait déjà près de mille moines!

Un simple coup d'œil à la *Cuisine*, qui aujourd'hui occupe en partie l'espace de l'ancien chauffoir et la cour qui séparait le corps de bâtiment du réfectoire de celui du dortoir, nous donne, avec ses proportions monumentales de gigantesque laboratoire, une idée du labeur effrayant qui s'y déployait pour satisfaire l'estomac monstre d'une communauté qui depuis longtemps avait abandonné le train de vie frugale de ses devanciers, oubliant la mission civilisatrice des vaillants disciples de S.[t] Bernard.

Pendant les XVII[e] et XVIII[e] siècles, nous voyons s'agrandir

successivement l'établissement primitif par la construction, en premier lieu, du *Cloître des Noviços ou du Cardeal.* Celui-ci, traversé par une abondante rigole, a dû en remplacer un autre, d'une date primitive et de moindres dimensions autour duquel devaient être, alors, groupés le dortoir des novices, les cellules des copistes et d'autres dépendances.

Antérieurement déjà sous le règne de D. Alphonse VI et dans l'espace occupé par la primitive cuisine et les jardins, qui s'étendaient entre le corps de bâtiment du réfectoire et l'habitation de l'Abbé, on avait construit un beau cloître aux proportions correctement classiques et occupant deux étages. Après les ouvrages de D. Manoel, cette construction est la plus appréciable de toutes les additions modernes; elle se trouve de nos jours entre les mains d'un particulier qui l'a profanée honteusement.

Au début du XVIIIe siècle et dans le dessein d'imprimer à la principale façade du côté du couchant un aspect monumental, inconcevable à cette époque, sans le principe rigide de la symétrie, la façade du temple, empâtée alors d'une architecture décadente, reçoit deux tours et une nouvelle aile, qui, s'étendant vers le sud, confère au temple la primauté au centre d'une immense façade de plus de 200 mètres de longueur.

C'est cette préoccupation de symétrie qui est l'origine de tant de crimes de lèse-art; peut-être aussi à cette circonstance que les édifications primitives existant sur cette aire (nord-ouest de l'ensemble) avaient eu à souffrir des inondations (surtout par suite des très mauvaises conditions de terrain à proximité de la rivière; les effets en sont bien visibles à l'angle nord-ouest du Réfectoire) doit-on la disparition complète d'un vaste corps de bâtiment, qui faisait partie intégrante du plan primitif.

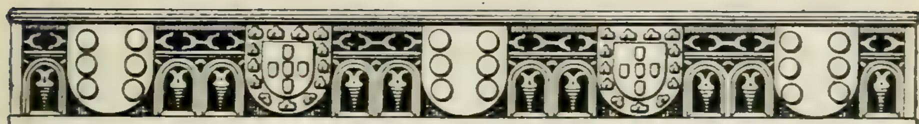
Cet édifice, qui devait s'avancer approximativement de 15^{m} sur l'alignement de la façade du temple, lequel devait avoir alors, selon la règle, un vaste cimetière réservé, s'étendait probablement depuis l'église jusqu'à l'alignement nord du réfectoire. D'une capacité à peu près égale à celle de l'aile du Dortoir, le rez-de-chaussée en était vraisemblablement destiné à l'entrée de l'Abbaye, à l'hôtellerie et aux celliers, et à l'étage supérieur, qui devait correspondre au niveau du Cloître du Silencio, étaient sans doute installés les appartements de l'Abbé, et, séparés de ces derniers, le dortoir des frères convers.

Enfin, vers le milieu du XVIIIe siècle, un nouveau cloître aux proportions respectables, formant um quadrilatère de 55^{m} de côté, appelé le *Rachadouro*, vint compléter les spacieuses installations de l'un des plus vastes monastères de la Péninsule.

Au point de vue artistique, cette dernière phase de l'activité monastique n'offre guère d'intérêt, si nous en exceptons la belle salle de la bibliothèque qui occupe une partie de l'aile sud du cloître précité.

Malgré le développement démesuré des ampliations des XVIIe et XVIIIe siècles autour de la vieille abbaye et l'empâtement des façades primitives, celle-ci, bien qu'étouffée et peu reconnaissable extérieurement, ne s'en impose pas moins par la beauté supérieure du style architectural de ses intérieurs, et elle produit une inoubliable impression de respect et d'admiration pour ces pionniers de la civilisation chrétienne qui, il y a près de huit siècles, sont venus des régions lointaines de la Bourgogne et ont conçu et réalisé un chef-d'œuvre parfait sous le point de vue technique et artistique.

(Trad. de *Paul Quérette*).



THE CISTERCIAN ABBEY OF ALCOBAÇA

This Abbey, in the same way as Santa Maria da Vitoria of Batalha, owes its foundation to a vow made by D. Afonso Henriques, on the occasion of his army setting forth for the conquest of Santarem and Lisbon. Being victorious in the impetuous march that led him even beyond the Guadiana, and having struck a formidable and decisive blow at the Saracen dominion in the territory of Lusitania, on becoming king he fulfilled his promise by granting to St. Bernard of Claraval the land and privileges for the establishment of this important Cistercian Abbey.

Among the monastic constructions of that age, the Abbey of Alcobaça is not only one of the most important in the Peninsula, but is chiefly remarkable, although it has been the object of successive additions, reforms and reconstructions, as still preserving almost intact up to our time the primitive nucleus constructed by the monks of St. Bernard; for, in truth, we find ourselves here in presence of one of those rare typical specimens of monastic establishments of the Cistercian order, coming down to us in a state of almost integral preservation as regards its essential parts.

Being in all its proportions and plan an authentical copy of the contemporaneous Abbey of Claraval, which in its turn had been

a servile imitation of that of Citeaux, both of which have almost wholly disappeared under the reconstructions of the 18th century, it offers us to-day an interesting and authentic facsimile of what were primitively those two famous Burgundian abbeys, from which irradiated the light and spirit of St. Hugo and St. Bernard, that directed well nigh two thousand houses, which, in less than two generations had spread all over Europe, from the Tagus to the Baltic and from Britain to the Volga.

The *Temple* whose façade to-day is almost entirely disfigured by additions (not to be confounded with reconstruction) of baroque architecture, reminding one of certain cathedrals in Latin America, is the vastest that was erected in Portugal during the first centuries of its nationality. Being 106 metres long it exceeds by 25 m. the Church of Santa Maria da Vitoria of Batalha, and by a great deal any of the Cathedrals in the land, being, for example, with only a slight difference, twice as long as that of Oporto.

Built in the second half of the 12th century and the beginning of the 13th, in conformity with the strict precepts of the Cistercian Order, it shows us that as regards principally the exterior aspect of the monument, purely utilitarian forms of construction were adopted, without any preoccupation as to sumptuousness, and according to a perfect and superior conception of style.

The temple is divided into a nave and two aisles of about equal height (19 metres), in which disposition it differs from what we generally see adopted in the country and even in France at that time, and whereby it belongs to the class of «Hallenkirchen», the system of which was widely used throughout Germany and in particular in Westphalia.

The plan of the Church presents the form of a Latin cross,

the nave and aisles having 12 bays supported by 24 massive pillars different in kind. The first sixteen, beginning at the entrance, have columns attached to the walls on the inside, truncated at different heights, some being supported by strong corbels markedly Burgundian in style, as are too the cornice, the dormitory, and other constructive elements of the building. The transept, composed of two bays in each branch, has a nave and an aisle, both of the same height. The part corresponding to the other aisle is taken up by four chapels, as high as the deambulatory, thus forming apsidioles of rectangular section. From the choir or *Chancel*, of modest proportions, masked to-day by a decoration of classical architecture by a certain William Elsdem, an English architect, dating from 1676, could be seen through the colonnade of eight fine Gothic columns the *Deambulatory* and the series of nine apsidal chapels, richly adorned to-day with gilt carving of the 18th century. Of this architectonic disposition of the apsidal part, so frequently adopted in France and throughout Europe in the middle ages, we can only find in Portugal another instance of the kind in the reconstruction or amplification of the Chancel of the Cathedral in Lisbon, executed in the beginning of the 14th century.

In the transept, on the Gospel side, there is in the chapel of St. Sebastian, a curious statue of that saint representing him with breeches. The chapel next to it is dedicated to the Immaculate Conception and was burnt during the Napoleonic invasion. On the Epistle side the two chapels are taken up by ceramic sculptural groups, the first representing the scene on Mount Calvary, and the other the death of St. Bernard, both being the work of monks.

Facing the chapel of St. Bernard, which contains the remains of D. Affonso II and D. Affonso III, in modest tombs, can be seen

closed by a screen of carved wood, the «*Pantheon Real*», where, besides the old-fashioned sarcophagus of Queen Beatriz, wife of D. Affonso III, and the coffins of several Infantes, exist the monumental tombs of D. Pedro I and D. Ignez de Castro, with their recumbent effigies.

In front of each other, face to face in death as in life, are two figures personifying love and grief in their most intense and poignant expression, recalling one of the most thrilling episodes recorded in the history of Portugal. Those tombs which have been the object of study on the part of able historians, are a sculptural master-piece of the 14th century, only to be compared in richness and decorative perfection to the marvel of plastic art shown in the tombs of D. João II of Castile and his wife D. Isabel of Portugal, existing in the Charter-house of Miraflores at Burgos.

Passing through one of the chapels in the semicircular corridor behind the chancel, which was opened in the 16th century, we enter a hall surmounted by a vault of rich florid Gothic tracery, and in which are seen two doorways executed by master Castilho, revealing the naturalistic school which characterises the works of the same architect in the Convento de Cristo at Tomar and in the Capela Imperfeita of Batalha. That architect was invited by D. Manoel, whose son, Afonso, was at that time the commendatory Abbot of the monastery, to build a new and more ample *Sacristy* (the old one adjoined the north transept and is to-day known as the treasury), as also to erect a second gallery over the Claustro do Silencio, owing to which the latter lost much of its primitive impressiveness. The vault of the sacristy, which, judging from that of the hall, must have been richly executed in the Manoelino style, was thrown down by the earthquake in 1755, the hall having been

66 metres long by 17 wide, destined primitively to serve as a *Common Dormitory*, as prescribed by the Order. This superb room divided to-day by partitions and walls hardly allows one to imagine its primitive beauty and the grandeur of its proportions.

Having finished the summarised description of what was and still is the old Abbey built by order of St. Bernard and planned merely for the accomodation of 80 monks, in the proportional number of novices and lay-brothers, we proceed to learn what it became in time until its extinction, when it already sheltered well nigh a thousand monks!

A single glance at the *Kitchen*, which to-day occupies in part the space of the old «calefatorio» and the remaining court separating the refectory wing from the dormitory, gives us by its gigantic proportions of an enormous laboratory, an idea of the astonishing labour here expended to satisfy the monstrous stomach of a community that had long ago deviated from the frugal way of living of its predecessors, perverting the civilising mission of the worthy disciples of St. Bernard.

During the 17th and 18th centuries we see the primitive establishment go on expanding successively first by the construction of the so-called *Cloister of Novices* or *Cardinal's Cloister*. This building, crossed by a drain that carried off water in abundance, must have taken the place of another of earlier date and more limited dimensions, and around which must have been grouped the novices' dormitory, the cells of the copyists and other out-buildings.

Previously already, during the reign of D. Afonso VI, and in the space occupied by the primitive kitchen and gardens lying between the refectory and the residence of the Abbot, had been

erected a fine two-storeyed cloister of correct classical proportions. Among all the modern annexes and additions, this construction, the most worthy of appreciation, next to those of D. Manoel, is to-day in the hands of a private person who has vilely profaned it.

In the beginning of the 18th cenfury, and with a view to imparting to the principal western façade an aspect of grandeur inconceivable at that time without the rigid principles of symmetry, the façade of the Church desfigured then by a decadent architecture is increased by two towers and a new wing, which, stretching to the south gave the Church the chief place in the centre of an immense façade over 200 metres long.

To that preoccupation for symmetry, the origin of so many crimes committed against art, and perhaps also to the circumstance of the primitive construction in that area (northwest of the whole) having suffered from inundations, (owing principally to the very wretched conditions of the ground near the river, and of which the effects are quite visible in the northwest angle of the refectory), is due the complete disappearance of an extensive body which formed an integrant part of the original plan.

That edifice which must have stood abont 15 metres in advance of the line of the façade of the Church, which necessarily had then, as was the rule, a vast galilee, is presumed to have extended from the Church to the north line of the refectory. Having about the same capacity as that of the Dormitory, it was certainly intended on the lower floor to afford an entrance to the Abbey, lodging-house, and barns; while on the upper one, which must have been on a level with the Claustro do Silencio, would be the residence of the Abbot, and separated from this, the dormitory of the lay-brothers.

then entirely reformed in the style of the classical architecture of the age. The richness of that work is still attested to-day by the fine chests of Brazilian wood with bronze fittings, which are authentical gems of art. At the end of the ample sacristy there is a polygonal chapel, which is an interesting reliquary, and is said to be the work of the monks.

On the opposite side of the sacristy is seen the chapel of the Senhor dos Passos, in a good state of preservation, but without any special noteworthy feature.

Outside the hall there is a little chapel, that of our Lady do Desterro, remarkable for its enamelled tiles of the 18th century, turned out by the then famous Juncal manufactory.

The main *Cloister,* called after *D. Diniz* or *do Silencio,* the entrance to which is by the door situated in the last bay of the collateral aisle of the Church, must have taken the place of another of poorer proportions and aspect, coeval with the foundation of the monastery, for unequivocal traces of it are seen in the whole collateral pane of the Church, which clearly shows the plan of the formal arches of the primitive vaults.

Following the eastern pane of the cloister we come to the door of the *Chapter house,* set between lovely double windows, and giving entrance to a square room the sides of which are 18 metres long and whose vault is supported by four slight pillars. The side door and windows opening on to the cloister, unmistakably Romanesque in design, prove that this part of the building belongs to the first period of the construction of the Abbey, thus confirming the rule of priority in execution the Order always gave to that section of its establishments.

Continuing on through the cloister and passing through the

doors of the *Parlatorio* (parlour) and *Calefatorio* (place where the monks met round a large central fire-place), we find ourselves in presence of one of the most exquisite pieces of architecture of the old Abbey, the *Capela da Tonsura,* with its lavatory (which is not the original one). In front of this chapel, as required by the plan of the Order, a large doorway gives entrance to the monumental *Refectory.* This hall, a vast quadrilateral 28 metres long, 22 broad, and 10 high, with its vault supported by eight columns, which for more than 50 years was barbarously masked by the canvass and partitions of a theatre, to-day, thanks to the efforts of the Board of National Monuments, stands out in all its majesty, as one of the most beautiful specimens of medieval monastic constructions still existing, there being no better ones in France, the mother country, which during the Middle Ages scattered all over Europe its vast establishments of Christian culture.

What remains of the primitive Abbey is not limited, however, to the sections described above. Leaving the Silence Cloister and going through its last division called the *Sala dos Reis,* where in grotesque apparel the monarchs of Portugal are exhibited chronologically, rounding the vast building after coming out of the temple, and following the high road, we descry standing out against the interminable façade 220 metres long, a fortress-like construction surmounted by the statue of D. Afonso Henriques. Disfigured by additions of the 18th century, just as is the façade of the Church, and still further by the erection of another storey for the accomodation of the novices at that time, this wing reminds one, however, in its general lines, of the monumental gable of the vast annexe of the old abbey with its two vaulted storeys, the upper one forming a single room with three divisions and ten bays,

Finally, in the middle of the 18th century a new cloister of fair proportions, forming a quadrilateral with sides 55 metres long, called the *Rachadouro*, came to complete the extensive buildings of one of the largest monasteries in the Peninsula.

Little interest from an artistic point of view is offered by this last phase of monastic activity, if we except the lovely library occupying the South wing of the said cloister.

With the enormous extension of the enlargements made in the 17th and 18th centuries around the old Abbey, and of the additions made to the primitive façades, the Abbey, though suffocated and exteriorly unrecognisable, is imposing, however, by the superior beauty of the architectural style of its interior, producing an ineffaceable impression of respect and admiration for those pioneers of Christian civilisation, who, almost eight centuries ago coming from distant Burgundy, conceived and executed a master, piece technically and artistically perfect.

(Transl. by *James Machin*).



ABBADES PERPETUOS (1)

D. Frei Randol ou Ranulfo	eleito	em	1148
» » Bartholomeu	»	»	1163
» » Guilherme	»	»	1164
» » Martinho I	»	»	1167
» » Mendo	»	»	1192
» » Fernando Mendes	»	»	1206
» » Pedro Egas	»	»	1215
» » Pedro Gonçalves	»	»	1233
» » Fernando II	»	»	1247
» » Egas Rodrigues	»	»	1251
» » Domingos Martins	»	»	1252
» » Estevão Martins	»	»	1252
» » Pedro Nunes	»	»	1276
» » Estevão II	»	»	1283
» » Martinho II	»	»	1284
» » Domingos II	»	»	1290
» » Pedro Nunes (2.ª vez)	»	»	1297
» » Martinho III	»	»	1319
» » Estevão Pais	»	»	1327
» » João Martins	»	»	1333
» » Vicente Gerardes	»	»	1349

(1) Da *Alcobaça Illustrada*, de Frei Manoel Santos.

D. Frei Martinho IV	eleito	em	1369
» » João Dornellas	»	»	1381
» » Gonçalo I	»	»	1414
» » Fernando do Quental	»	»	1414
» » Estevão d'Aguiar	»	»	1431
» » Gonçalo de Ferreira	»	»	1446
» » Rodrigo	»	»	1459
» » Nicolau Vieira	»	»	1461

ADMINISTRADORES SECULARES

Cardeal D. Jorge da Costa — 1475
Isidóro de Portalegre — 1488
Cardeal D. Jorge da Costa — 1496
D. Jorge de Mello — 1505
Infante D. Affonso — 1519
Infante D. Henrique — 1542

INDEX

BIBLIOGRAPHIA

História de Portugal—Schaefer

História de Portugal—Fortunato d'Almeida

Monumentos de Portugal—Vilhena Barbosa

Architectura religiosa na Edade Média—Augusto Fuschini

Dictionnaire de l'architecture (Architect. monastique) I—Violet-le-Duc

O Mosteiro de Alcobaça—Vieira Natividade

Alcobaça Illustrada—Frei Manoel Santos

História chronológica e critica da real abbadia d'Alcobaça—D. Frei Fortunato de S. Boaventura

Portugal—F. Denis

Travels through Portugal—Murphy

As armas de Alcobaça—Affonso de Dornellas

Die Baukunst de Renaissance in Portugal—Haupt

Kirchliche Kunst—W. Luebke

L'architecture religieuse en France—R. Lasteyrie

Ignez de Castro—Dr. António de Vasconcellos

Arte e Natureza em Portugal—Joaquim de Vasconcellos

Archivo Pittoresco—*Universo Pittoresco* I e II—*Portugal Monumental,* Pereira d'Almeida—*Universo Illustrado*—*Boletim da Associação dos Archeologos,* II—*A Arte*—*Occidente,* 1893

40 GRAVURAS

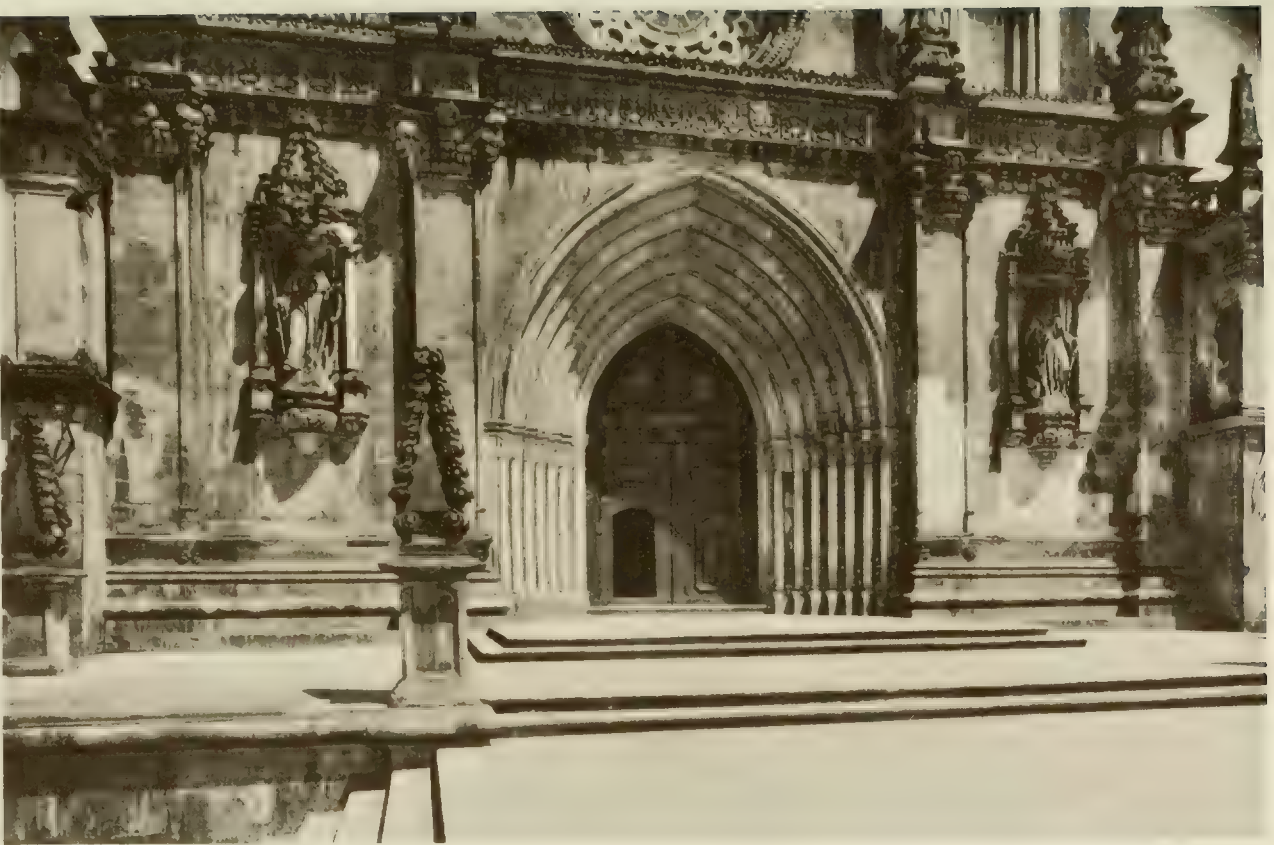
FOTOGRAFIAS
DE ALVÃO



Aspecto geral da abbadia
Aspect général de l'abbaye
General view of the Abbey



Fachada da egreja abbacial
Façade de l'église abbatiale
Façade of the abbatial church



Parte inferior da fachada da egreja abbacial
Partie inférieure de la façade de l'église abbatiale
Inferior part of the façade of the abbatial church



Série de columnas do portal da egreja abbacial
Rangée de colonnes du portail de l'église abbatiale
Row of columns of the doorway of the abbatial church



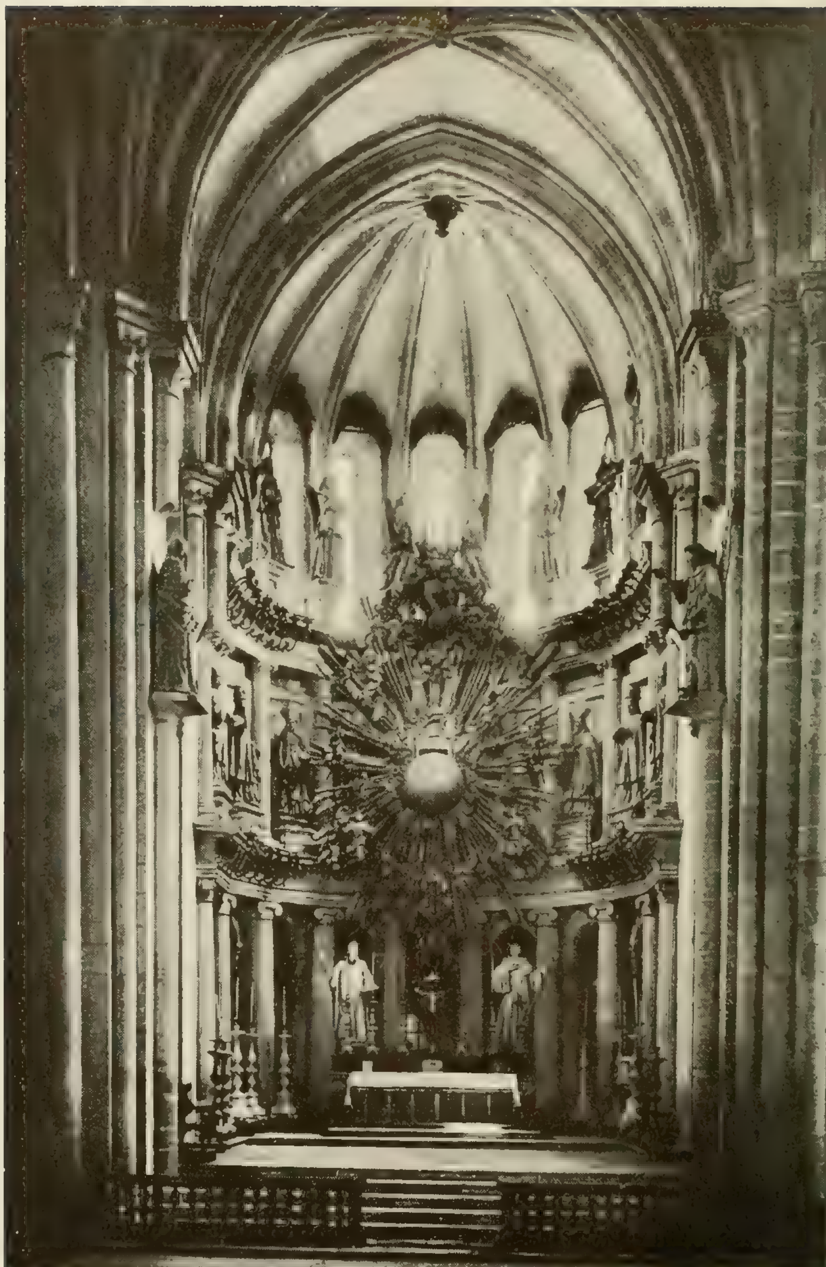
Nave lateral direita da egreja abbacial
Nef latérale droite de l'église abbatiale
Right aisle of the abbatial church



Portal e rosacea da egreja vistos da nave central
Portail et rosace de l'église vus de la nef centrale
Doorway and rose window of church seen from the nave



Pilares do transepto
Piliers du transept
Pillars of the transept



Capella-mór da egreja abbacial
Chapelle principale de l'église abbatiale
Chancel of abbatial church



Capella-mór e entrada da charóla
Chapelle principale et entrée de l'ambulatoire
Chancel and entrance to the "Charóla„



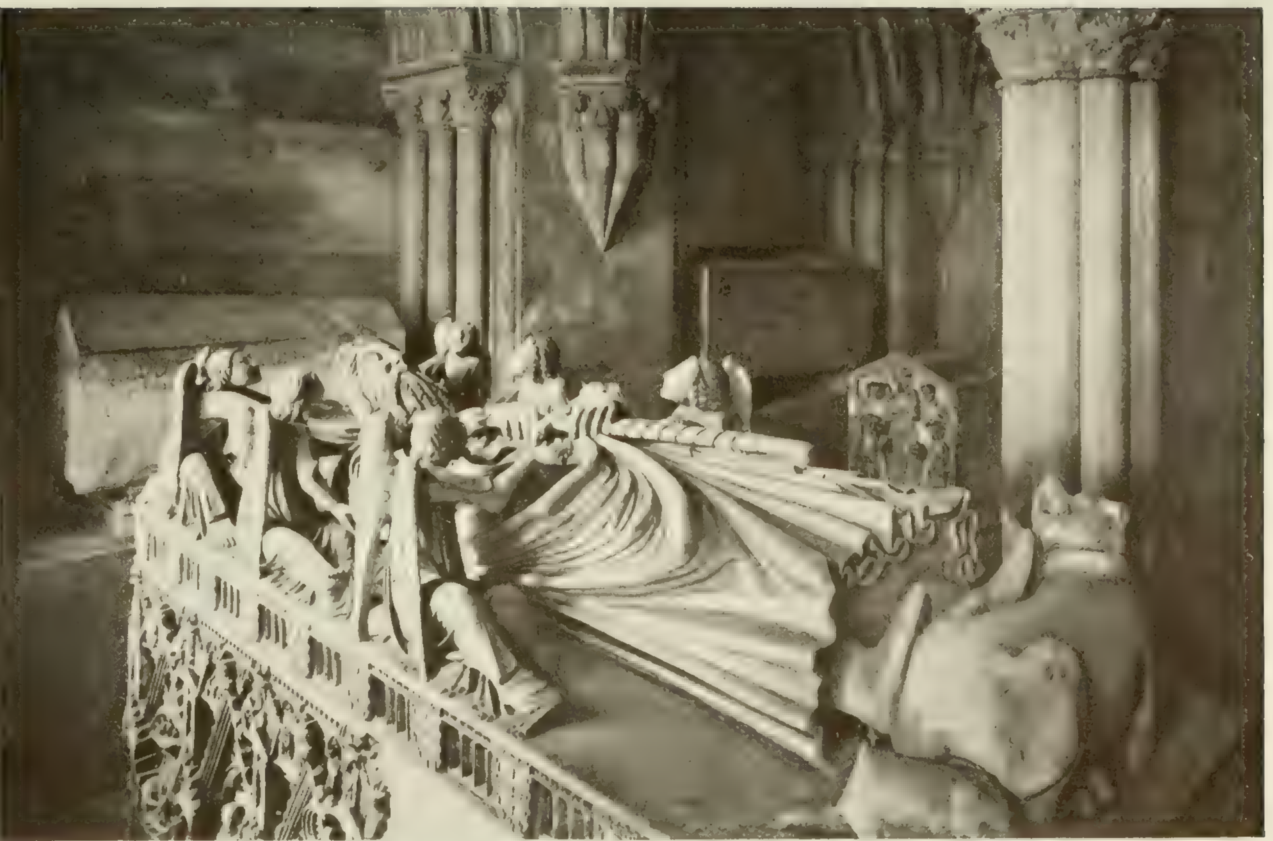
Pantheon: túmulos da rainha D. Beatriz e (segundo a tradição) dos três filhos de D. Pedro I e D. Ignez de Castro
Panthéon: tombeaux de la reine D. Beatriz et (selon la tradition) des trois fils de D. Pedro I.er et D. Ignez de Castro
Pantheon: tombs of the queen D. Beatriz and (as tradition has it) of the three children of D. Pedro I and D. Ignez de Castro



Túmulos de D. Pedro I (á direita) e de D. Ignez de Castro (á esquerda)
Tombeaux de D. Pedro I.er (à droite) et de D. Ignez de Castro (à gauche)
Tombs of D. Pedro I (on the right) and D. Ignez de Castro (on the left)



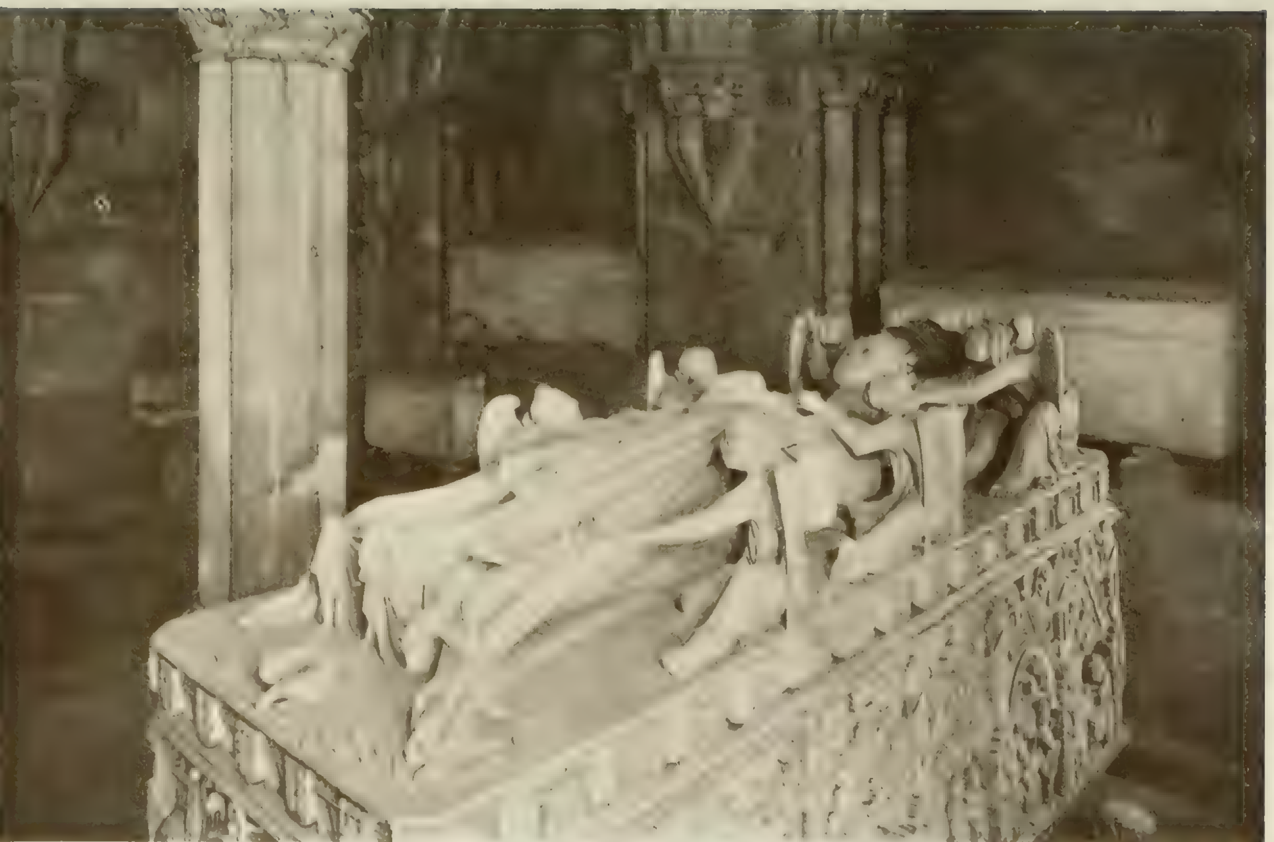
Vista geral do túmulo de D. Pedro I
Vue générale du tombeau de D. Pedro I.er
General view of tomb of D. Pedro I



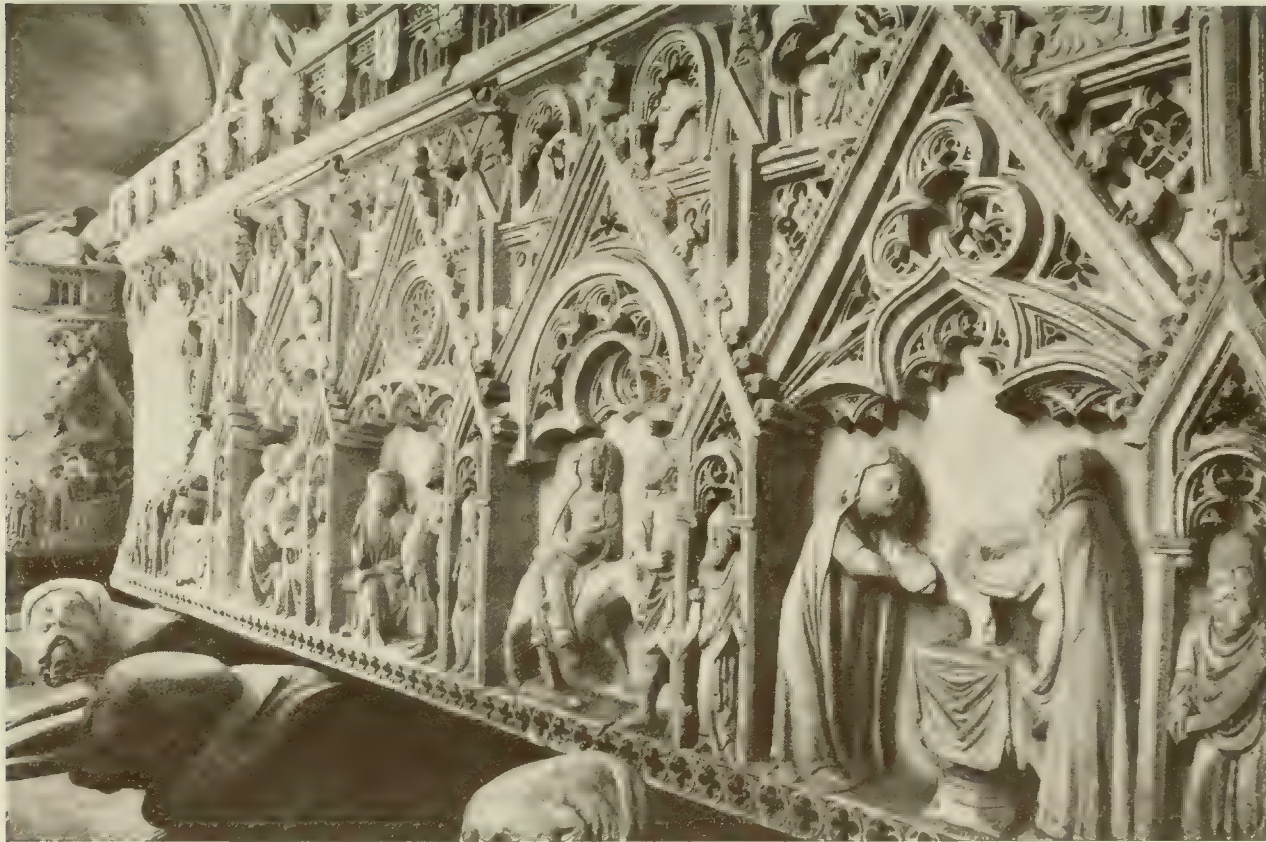
Estátua jacente do túmulo de D. Pedro I
Statue gisante du tombeau de D. Pedro I.er
Recumbent effigy of the tomb of D. Pedro I



Vista geral do túmulo de D. Ignez de Castro
Vue générale du tombeau de D. Ignez de Castro
General view of tomb of D. Ignez de Castro



Estátua jacente do túmulo de D. Ignez de Castro
Statue gisante du tombeau de D. Ignez de Castro
Recumbent effigy of the tomb of D. Ignez de Castro



Túmulo de D. Ignez: Scenas da fuga para o Egypto e da apresentação do Menino Jesús no Templo
Tombeau de D. Ignez: Scènes de la fuite en l'Egypte et de la Présentation de l'Enfant Jésus au Temple
Tomb of D. Ignez: Scenes of the flight into Egypt and of the Presentation of the Child Jesus in the Temple



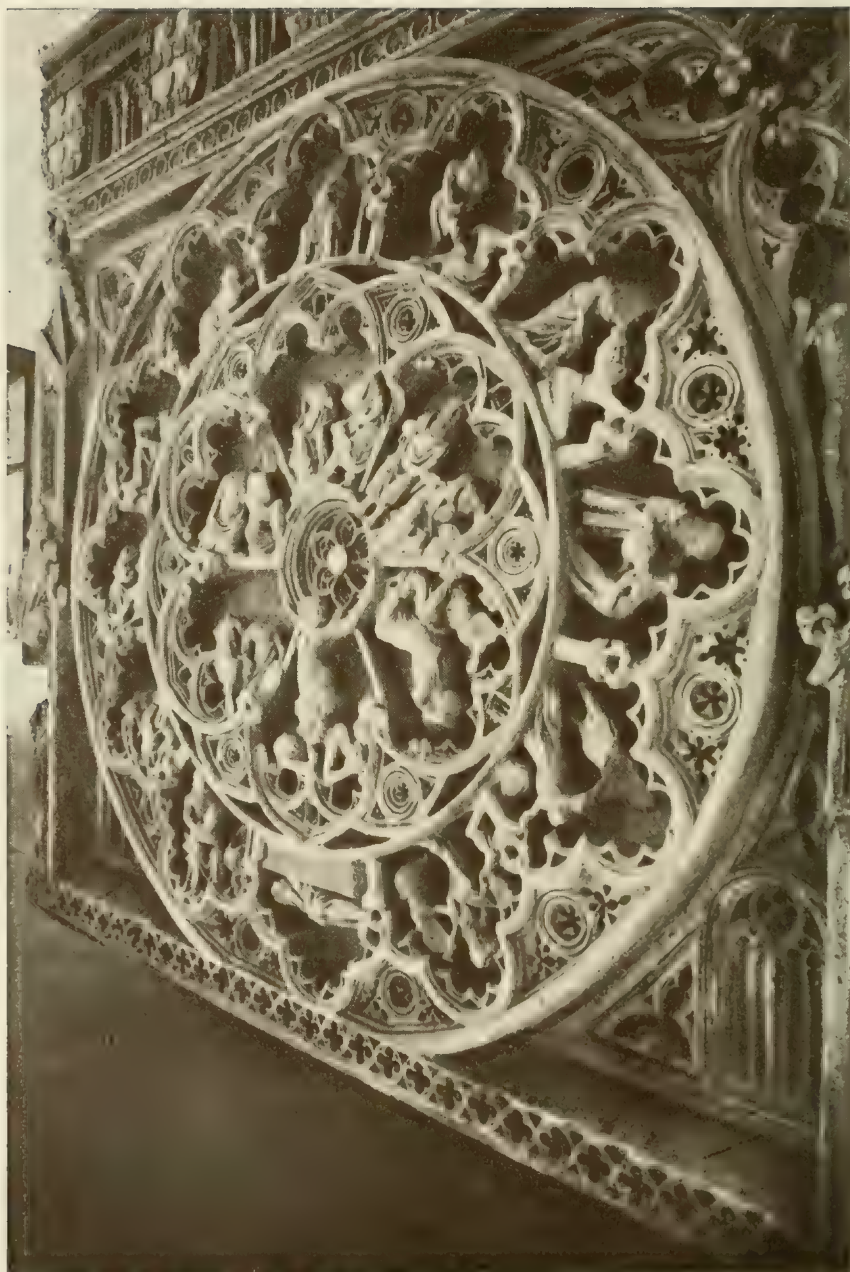
Túmulo de D. Ignez: Scenas da vida de Christo
Tombeau de D. Ignez: Scènes de la vie du Christ
Tomb of D. Ignez: Scenes from the life of Christ



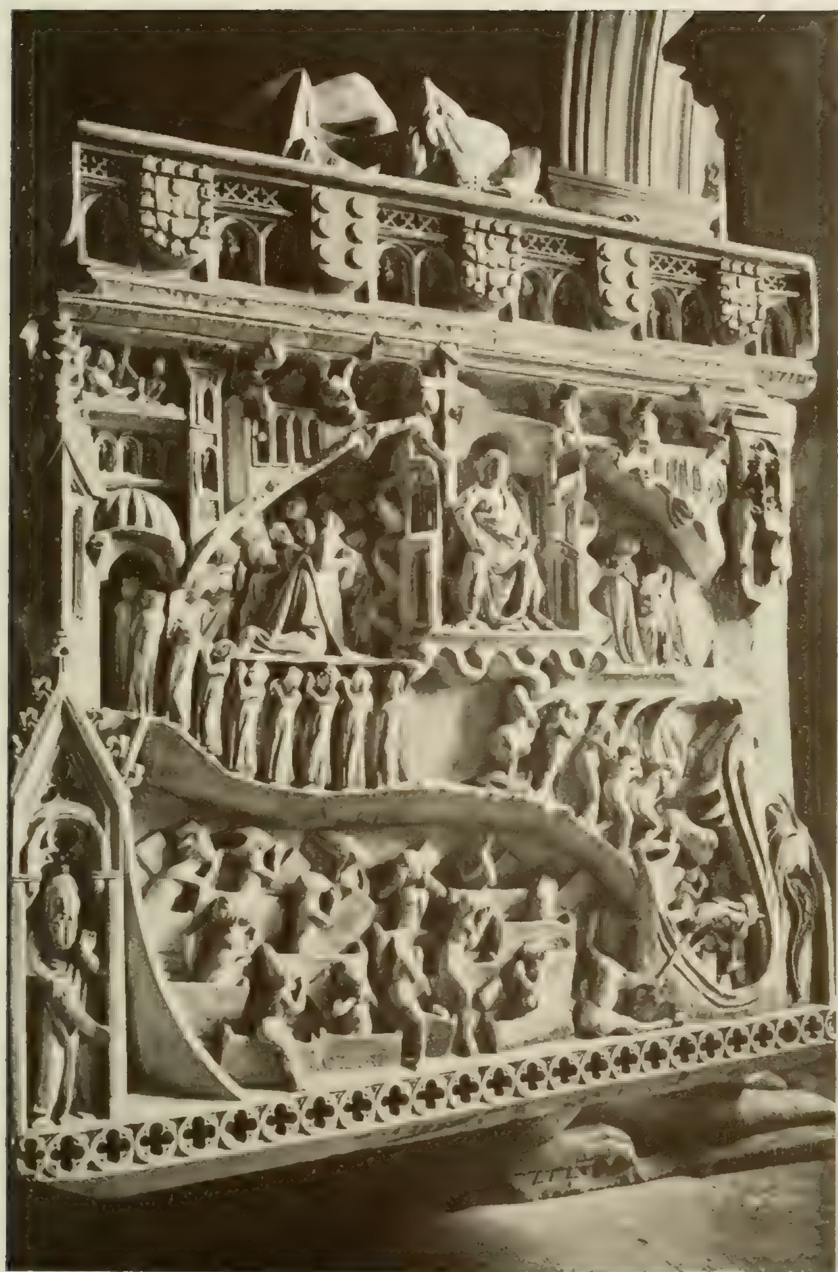
Túmulo de D. Pedro I: Scenas da lenda de S. Bartholomeu
Tombeau de D. Pedro I.er: Scènes de la légende de St. Barthélemy
Tomb of D. Pedro I: Scenes from the legend of St. Bartholomew



Túmulo de D. Pedro I: O rei recebe a Extrema Uncção e o Viático
Tombeau de D. Pedro I.er: Le roi reçoite l'Extrême Onction et le Viatique
Tomb of D. Pedro I: The King is receiving Extreme Unction and the Holy Viaticum



Túmulo de D. Pedro I: Scena da Tragédia Final
Tombeau de D. Pedro I.er: Scène de la Tragédie Finale
Tomb of D. Pedro I: Scene of the Final Tragedy



Tumulo de D. Ignez: Scenas da Ressurreição e do Juizo Final
Tombeau de D. Ignez: Scènes de la Résurrection et du Jugement Dernier
Tomb of D. Ignez: Scenes of the Resurrection and Last Judgment



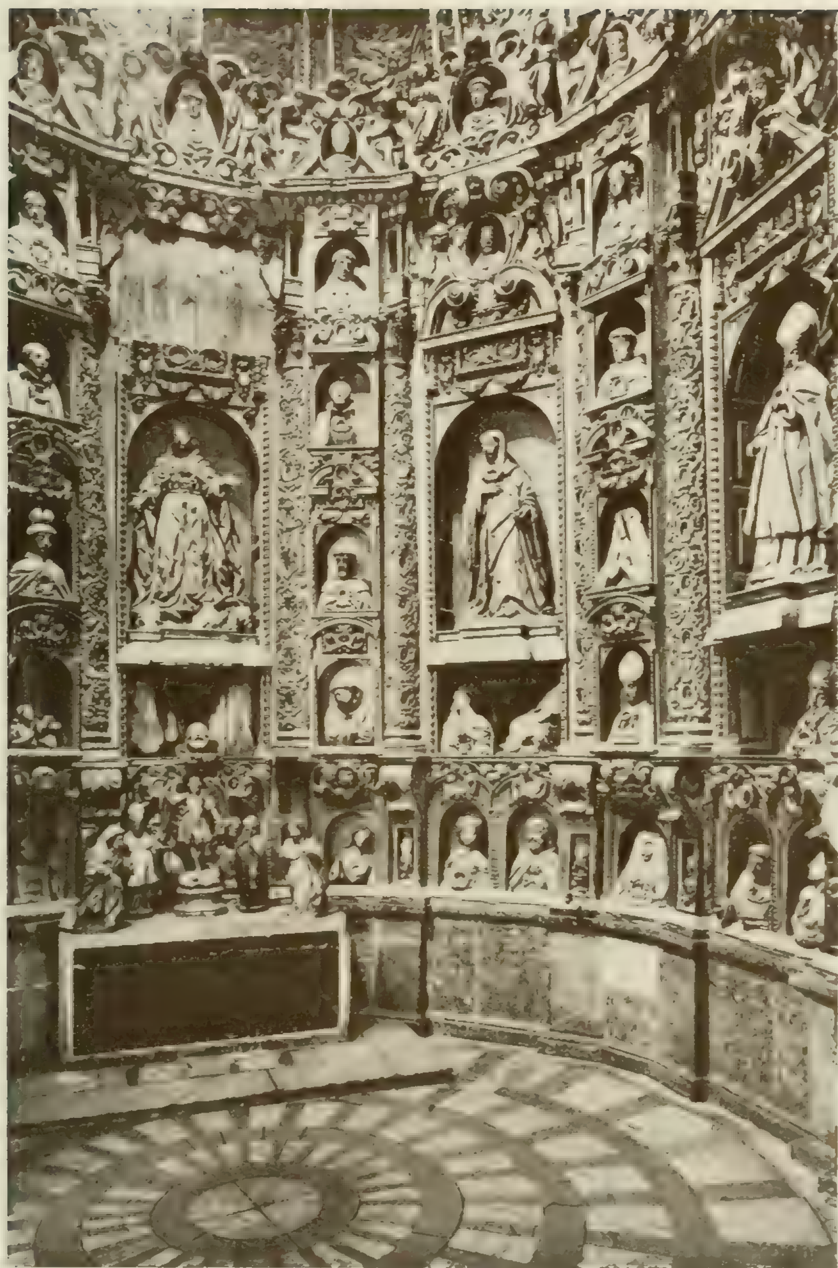
Charóla e capellas absydais da egreja
Charola et chapelles absidiales de l'église
"Charola„ and apsidal chapels of the church



Portal da antiga sachristia manoelina
Portail de l'ancienne sacristie manueline
Manoelino door of the old sacristy



Aspecto geral da sachristia (reconstrucção do seculo XVIII)
Vue générale de la sacristie (reconstruction du XVIII.e siècle)
General view of the sacristy (reconstruction of the 18th cent.)



Sanctuario das reliquias
Châsse des reliques
Shrine of relics



Capella de N. S. do Desterro no cemitério da abbadia
Chapelle de N. Dame du Desterro dans le cimetière de l'abbaye
Chapel of Our Lady do Desterro in the cemetery of the Abbey



Claustro do Silencio ou de D. Diniz - Aspecto geral
Cloître du Silencio ou de D. Diniz — Vue générale
Cloister of Silencio or of D. Diniz — General view



Claustro do Silencio: Aspecto lateral
Cloître du Silencio: Vue latérale
Cloister of Silencio: Side view



Claustro do Silencio: galeria baixa (gótica)
Cloître du Silencio: portique inférieur (gothique)
Cloister of Silencio: lower gallery (gothic)



Claustro do Silencio: galeria alta (quinhentista)
Cloître du Silencio: Portique supérieur (XVe s.)
Cloister of Silencio: Upper gallery (15th cent.)



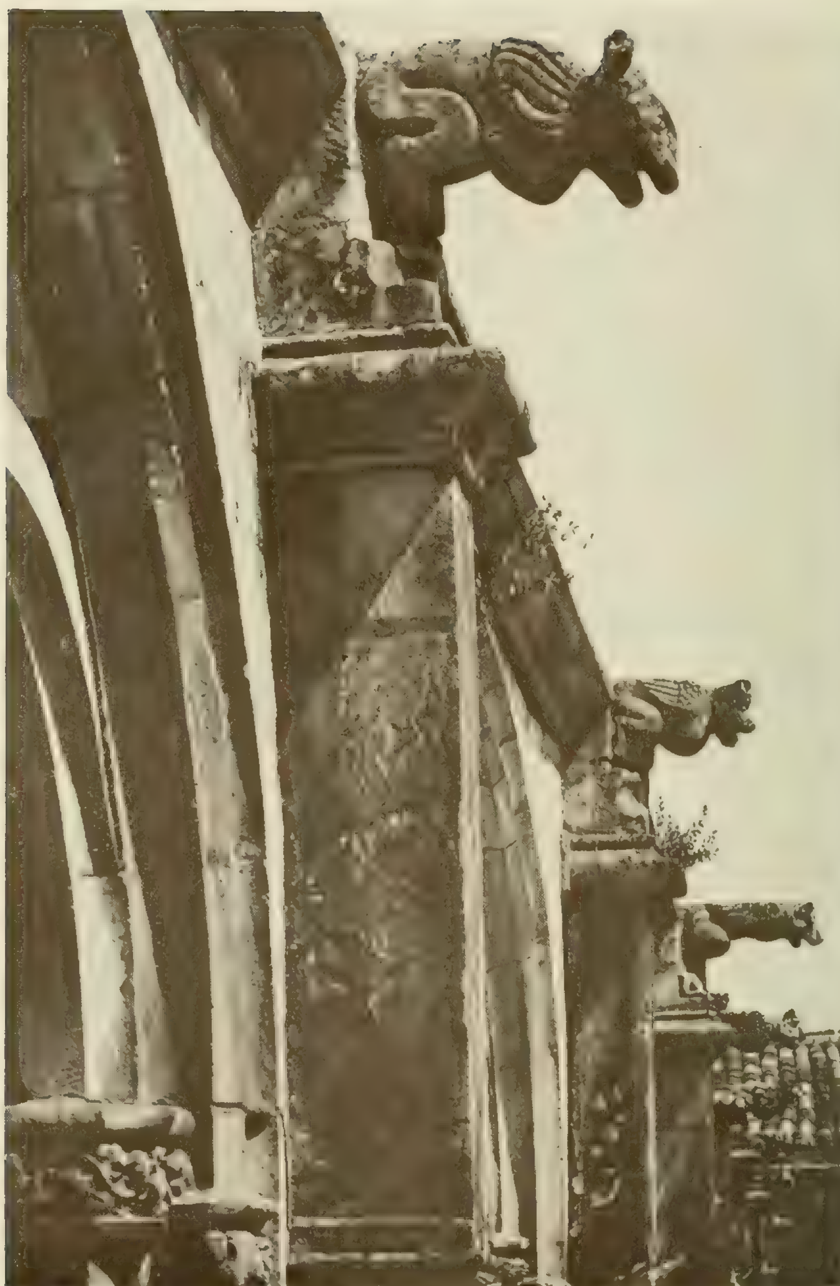
Claustro do Silencio: Portada e janellas da galeria baixa
Cloître du Silencio: Entrée et fenêtres du portique inférieur
Cloister of Silencio: Entrance and windows of lower gallery



Claustro do Silencio: Sahida para o fontenário
Cloître du Silencio: Sortie sur la fontaine
Cloister of Silencio: Way to the fountain



Claustro do Silencio: capiteis symbólicos
Cloître du Silencio: chapiteaux symboliques
Cloister of Silencio: symbolical capitals



Claustro do Silencio: Algerozes da galeria alta
Cloître du Silencio: Gargouilles du portique supérieur
Cloister of Silencio: Gargoyles of upper gallery



Porta e janellas da Sála do Capitulo
Porte et fenêtres du Chapitre
Entrance and windows of the Chapter-house



Sála do Capitulo
Chapitre
The Chapter-house



Sála dos Reis
Salle des Rois
Room of the Kings



Interior da monumental cosinha
Intérieur de la cuisine monumentale
Interior of the monumental kitchen



Claustro dos Noviços
Cloître des Noviços
Cloister of Novices



Claustro do Rachadoiro
Cloître du Rachadoiro
Cloister of the “Rachadoiro„

MONUMENTOS DE PORTUGAL

Collecção de Vulgarisação Artistico-Monumental
sob o alto patrocinio da
ASSOCIAÇÃO DOS ARCHEOLOGOS PORTUGUESES

Embora não seja, em conjuncto, de notavel imponencia e património artistico-monumental portuguez, é mui valioso e interessante e offerece excellentes e uteis licções d'arte a todos os que se entregam ao seu estudo. Propagar o conhecimento das preciosidades artisticas da nossa patria, facilitál-os a toda a gente, é o empenho qne nos move n'esta empreza, que será constitúida por uma série de cincoenta volumes com abundante reproducção photographica dos melhores e mais frisantes aspectos dos nossos monumentos.

VOLUMES PUBLICADOS:

I — Mosteiro da Batalha—pelo Dr. Vergilio Correia.

II — Thomar — (Convento de Christo e egrejas dos Olivais, S. João Santa Iria e Conceição)—pelo Dr. Vieira Guimarães.

III — Porto I (Cathedral e egrejas de Cedofeita e S. Francisco)—pelo Dr. Carlos de Passos.

IV — Alcobaça—pelo architecto Ernesto Korrodi.

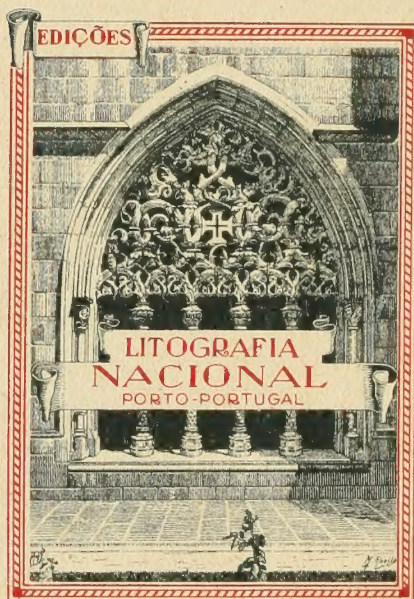
VOLUMES NO PRÉLO:

V — Santarem — por Nogueira de Brito.

VI — Cintra (Palacios Reais e dos Mouros) — por Nuno Catharino Cardoso.

VII— Mafra —por João Paulo Freire.

VIII — Leiria (Sé, Castello, S. Pedro, Encarnação e Pena)—pelo Dr. José Saraiva.



Representante Geral : LUIZ SOARES — R. Santa Catharina, 200 -